

Mariano de Pina na *Gazeta de Notícias* (1882-1886)

Mariano de Pina in the Gazeta de Notícias
(1882-1886)

Tania Regina de Luca

Universidade do Estado de São Paulo
/ CNPq
tania.luca@unesp.br
ORCID ID: [0000-0002-8942-5237](https://orcid.org/0000-0002-8942-5237)

Resumo: O objetivo do capítulo é estudar as contribuições do português Mariano Pina para a *Gazeta de Notícias* (RJ, 1875-1942), uma das publicações mais importantes do país e que tinha entre seus correspondentes autores do porte de Ramalho Ortigão e Eça de Queirós. Pina foi enviado de Lisboa para Paris com o objetivo de remeter crônicas para o matutino acerca dos acontecimentos franceses. Além de explicitar como ele obteve esse prestigioso posto, trata-se de esclarecer quais as tarefas do correspondente e realizar levantamento completo de suas contribuições, que se estenderam de 1882 a 1886. A análise do material, que deve ser recolhido diretamente no jornal, uma vez que esses textos nunca foram publicados, visa esclarecer os temas abordados e os ideais aí professados e quiçá esclarecer os motivos que levaram a sua demissão do posto em 1886. Destaque-se o ineditismo da proposta, uma vez ainda não se conta com estudos sobre essa produção de Pina, sempre lembrado pela revista *A Ilustração* que, assinale-se, não foi idealizada e nem fundada por ele, mas por Elísio Mendes, um dos proprietários da *Gazeta de Notícias*. Sua colaboração no periódico brasileiro foi fundamental para assegurar a Pina, até então um nome relativamente pouco conhecido, um lugar de destaque no meio intelectual do Brasil e também de Portugal.

Palavras-chave: Imprensa; Brasil; Mariano Pina; *Gazeta de Notícias*; correspondente internacional.

Abstract: *The aim of this chapter is to study the contributions of the Portuguese writer Mariano Pina to the Gazeta de Notícias (RJ, 1875-1942), one of the most important publications in the country, whose correspondents included Ramalho Ortigão and Eça de Queirós. Pina was sent from Lisbon to Paris with the objective of sending chronicles to the matutino about French events. Besides explaining how he obtained this prestigious post, the aim is to clarify the correspondent's tasks and to carry out a complete survey of his contributions, which lasted from 1882 to 1886. The analysis of the material, which must be collected directly from the newspaper, since these texts were never published, aims to clarify the topics covered and the ideals professed therein and perhaps clarify the reasons that led to his resignation from the post in 1886. The novelty of the proposal should be emphasized, since there are still no studies about Pina's work, always remembered for the journal A Ilustração, which, it should be noted, was neither conceived nor founded by him, but by Elísio Mendes, one of the Gazeta de Notícias' owners. His collaboration in the Brazilian periodical was essential to ensure him, until then a relatively unknown name, a prominent place in the intellectual milieu of Brazil and also of Portugal.*

Keywords: Press, Brazil; Mariano Pina; *Gazeta de Notícias*; international correspondent.

Nunca escrevi uma linha que tivesse por fim agradar ao Público — apesar de todo o respeito que ele me merece. Nunca escrevi uma linha que não fosse com a ideia firme de destruir uma opinião ou um princípio que me parecessem errados ou perigosos. Daqui o avultado de descontentamento que a minha prosa levanta todos os dias (Pina, *A Ilustração*, 20/09/1889, p. 174)

1. Introdução

A presença de escritores portugueses em matutinos do Rio de Janeiro constituiu-se num dos traços marcantes da imprensa brasileira a partir da década de 1880, fenômeno que está longe de ser simples e cuja compreensão remete para um conjunto diversificado de fatores. Merece destaque a crescente profissionalização dos letrados (espaço habitado por algumas

raras mulheres) e as reverberações dos gêneros jornalísticos na fatura do texto literário,¹ mas também os novos padrões vigentes no fluxo da informação, fruto das possibilidades abertas pelos modernos meios de difusão, e o impacto que a presença massiva de jornais e revistas trouxe para o mercado editorial, que passou, pelo menos em parte, a gravitar em torno de figuras e obras consagradas nas folhas periódicas (Campaignolle, 2010). Esses processos têm recebido atenção dos especialistas e suas macro características estão bem estabelecidas (Kalifa et al., 2011).

Estudos de percursos individuais, por seu turno, permitem flagrar como funcionavam, na prática cotidiana, redes de apoio e solidariedade específicas, as benesses que os postos de prestígio na imprensa propiciavam, mas também refletir sobre o papel desempenhado por esses escritores/mediadores, que valores e visão de mundo difundiam, o que demanda debruçar-se sobre páginas amarelecidas pelo tempo nas quais repousam textos não recolhidos em coletâneas, distinção reservada sobretudo para os que ingressaram no cânone literário.

Tendo em vista esse amplo contexto, objetiva-se analisar a presença do português Mariano Pina (1860-1899) na *Gazeta de Notícias* (RJ, 1875-1942), matutino do qual foi correspondente em Paris entre 1882 e 1886. Trata-se de um escritor-jornalista pouco conhecido da posteridade, que não produziu obras literárias, mas foi muito ativo no mundo da imprensa do seu tempo e que chegou a desfrutar de considerável prestígio. A *Gazeta*, por seu turno, era um dos principais diários brasileiros e o posto de correspondente em Paris particularmente cobiçado. Então, cabe perguntar: como e por quê Pina ocupou o cargo? Que efeitos o mesmo teve na sua carreira? Como desempenhou a tarefa? Que tipo de informações eram privilegiadas nos seus textos? Em que medida o seu percurso contribuiu para a compreensão das relações estabelecidas entre os dois lados do Atlântico? Esses os aspectos que se pretende averiguar ao longo do capítulo.

2. A figura do correspondente

A velocidade da circulação das notícias dependeu, até a ligação de cidades, países e continentes pelo telégrafo, dos meios de transportes disponíveis por terra e mar. Foi justamente a partir da segunda metade do século XIX, graças às ferrovias e aos navios à vapor, com seus percursos determinados e horários previsíveis, que se tornou possível percorrer continentes e oceanos em tempo relativamente curto, feito ainda modesto se comparado à revolução

¹ Ver, por exemplo, as coletâneas organizadas por Thérénty & Vaillant (2004) e Mollier, Sirinelli & Vallotton, (2006), além de Thérénty (2007). No que respeita ao gênero reportagem, ver: Godinho (2009). Sobre o processo de constituição do campo literário, consultar Bourdieu (1996) e para a profissão de jornalista Delporte (1999).

aportada pelo sistema de cabos submarinos, que interligou todo o planeta e colocou, pelo menos no horizonte do possível, a transmissão imediata da informação.

A despeito dos elevados custos, o que deu origem a códigos telegráficos que visavam encurtar as mensagens, e dos constantes cuidados de manutenção requeridos, tornou-se possível transmitir conteúdos de forma autônoma, o que fez da notícia um negócio muito lucrativo, monopolizado por agências especializadas que partilharam entre si os continentes e estabeleceram áreas específicas de influência.² A ligação entre a América do Sul e a Europa foi concluída em meados de 1874, por meio de cabo submarino que partia da antiga freguesia portuguesa de Carcavelos, com passagem pelas ilhas da Madeira e de São Vicente, e seguia até Recife, uma das cidades costeiras integradas à rede que, no ano anterior, conectara as províncias do norte à capital do Império. Do Rio de Janeiro, o cabo estendia-se até Montevideo e Buenos Aires.

A nova tecnologia modificou padrões vigentes na produção e na difusão da notícia, que ganhou agilidade e rapidez sem precedentes, contribuindo para alterar as percepções de tempo e de espaço. Transformações no campo das comunicações e dos meios de transportes estavam em sintonia com outras, que invadiam o cotidiano dos indivíduos e colocavam na ordem do dia a velocidade, saudada enquanto índice de modernidade, para o que também contribuía a própria multiplicação e diversificação da imprensa periódica, cujas páginas registravam o ritmo acelerado de um mundo em constante mutação. Contudo, se é fato que o percurso da informação e a concepção de atualidade alteraram-se e que as folhas deixaram de depender exclusivamente das cartas vindas pelos navios, ainda não se vivia plenamente sob o império do aqui e do agora. Os telegramas eram caros e, sobretudo para as notícias internacionais, a dependência das agências, que forneciam material idêntico aos que subscreviam seus serviços, era significativa. No Rio de Janeiro, o tradicional *Jornal do Comércio* (RJ, 1827-2016) e a recém criada *Gazeta de Notícias*, apressaram-se a contratar os serviços da Havas-Reuters.

A *Gazeta* veio a público em 02 de agosto de 1875, num contexto pós-cabo submarino. Não por acaso, o primeiro aspecto destacado no prospecto que acompanhou o número inaugural dizia respeito aos telegramas da Havas-Reuter: “A *Gazeta de Notícias* publicará diariamente todos os telegramas políticos e comerciais, tanto do país como do estrangeiro” (*Gazeta de Notícias*, Prospecto, sem data [1875]). Contudo, entre declarações bem intencionadas e a realidade concreta havia considerável distância. Se os telegramas eram acompanhados por local, data

2 No caso da América do Sul, as notícias provinham do consórcio Havas-Reuters, que se instalou no Brasil em 1874, ou seja, quando da inauguração do cabo submarino. Para detalhes sobre a interligação de diferentes países da América do Sul e a atuação das agências na região, consultar (Caimari, 2016). Especificamente sobre a interligação telegráfica submarina das costas brasileiras e a presença das agências de notícias no país, ver: Molina (2015, pp. 395-429). Sobre a história das agências, ver Mattelart (2000, pp. 47-52).

e, frequentemente, hora, em consonância com o novo padrão almejado, o uso de códigos podia resultar tanto em despachos incompreensíveis quanto em traduções imprecisas e mesmo errôneas, o que acarretava atrasos na divulgação e correções posteriores. Mesmo quando inexistiam imprevistos, as notas telegráficas, que normalmente eram reproduzidos tal como chegavam, não forneciam mais do que dados pontuais e fragmentados. Cabia ao leitor o esforço de ordenar, inclusive cronologicamente, os diversos telegramas sobre um mesmo tema e que nem sempre continham informações coerentes entre si, uma vez que se tratava de notas expedidas no momento em que o evento estava em curso, o que significava que sua configuração poderia sofrer alterações significativas ao longo de um ou de alguns poucos dias.

Assim, o fato de se dispor de um circuito rápido para disseminação da notícia esteve longe de implicar no abandono das tradicionais contribuições que chegavam pelos vapores. Aos abundantes dados internacionais que invadiram as páginas dos jornais da América do Sul, a maioria deles sob a responsabilidade da agência Havas-Reuters, somavam-se os provenientes de redes telegráficas e ferroviárias locais, o que implicava em novas formas de leitura e apropriação da informação. Num estudo instigante, Caimari evidenciou os múltiplos ritmos e temporalidades com que se defrontavam os assinantes dos jornais de Buenos Aires ao percorrerem os informes telegráfico, especialmente os internacionais, que tanto poderiam fazer referência a episódios ocorridos a horas ou semanas atrás, situação análoga à vigente em outras capitais da região. A autora destaca que uma notícia proveniente da Europa poderia levar

(...) dos o tres horas de transmisión por cable o telégrafo hasta Lisboa, quince días de viaje Lisboa-Pernambuco, dos o tres horas de cable –a tarifa regional más baja– siguiendo la ruta Pernambuco-Río-Santos-Montevideo-Buenos Aires. En cuestión de minutos, las más importantes eran telegrafadas a Valparaíso. Gracias a este sistema global de postas mixtas, que albergaba muchas combinaciones posibles, comenzaron a colarse columnas de temporalidad intermedia, cuyos contenidos correspondían a algún punto entre las noticias que tenían semanas y las que eran de la víspera. De tal modo, el espectro temporal de las “noticias de Europa” se fue densificando, con contenidos que tenían pocas horas, o una semana, o diez, o doce, o quince días: además del crescendo de la preocupación cronométrica, el cable había introducido una frondosa multiplicación de los marcos cronológicos (Caimari, 2015, p. 142).

Longe de fornecer um mundo ordenado temporal e tematicamente, o que as folhas diárias registravam em suas páginas eram doses assincrônicas de eventos. Ter um representante nas principais capitais europeias tornou-se ainda mais importante, pois era preciso contar com alguém atento às novidades e que poderia, inclusive, antecipar-se às agências de notícias e remeter, em primeira mão, despacho acerca de uma ocorrência relevante, o que contribuía para aumentar o prestígio do periódico frente aos concorrentes. Além disso, as econômicas frases que viajavam pelos cabos em vez de substituir passaram a exigir reflexões e

esclarecimentos de indivíduos que se encontravam no palco dos acontecimentos, o que fazia com que um/ou um conjunto de telegrama/s acabasse por ser efetivamente comentado e contextualizado semanas depois de sua publicação, a depender da frequência das malas postais embarcadas nos vapores transatlânticos. Era preciso articular os diversos flashes telegráficos em narrativas coerentes, ainda que o esforço contribuísse para pluralizar temporalidades, tendo em vista a distância que poderia haver entre o fato em si e sua análise.

Um exemplo retirado da *Gazeta de Notícias* ajuda a esclarecer esses aspectos. Em 31 de dezembro de 1882 morreu político francês Léon Gambetta (1838-1882), notícia estampada a 2 de janeiro: “Telegramas. Serviço especial da *Gazeta de Notícias*. Paris, 1º de janeiro, às 11 horas e 50 minutos. Morreu Gambetta. É grande o pesar em toda a França. Os funerais serão feitos pelo estado, segundo se diz” (*Gazeta de Notícias*, Telegramas, 02/01/1883). Note-se que se tratou de informe remetido cerca de doze horas depois do fato (ocorrido a 31 de dezembro, às 23:55) e destinado exclusivamente ao matutino, que fez questão de diferenciar esse telegrama dos que eram enviados pelo serviço da Havas-Reuters. Antes que os comentários detalhados do correspondente europeu esclarecessem as circunstâncias do fato e suas consequências, o que ocorreu somente em 28 de janeiro, por três vezes, nos dias 11, 15 e 18 desse mês, vieram a públicos textos enviados de Paris, respectivamente datados de 19, 21 e 24 de dezembro de 1882, que traziam referências às atitudes de Gambetta que, obviamente, não poderiam levar em conta que ele estaria morto dali a alguns dias. Entretanto, esse dado já estava disponível no momento em que o leitor lia relatos que antecederiam o falecimento, o que evidencia a decalagem temporal referida por Caimari e que era rotineira nos jornais do período.

É importante insistir que, antes do telégrafo, os diários contavam com colaboradores sediados no exterior, o que mudou não foi a essência do trabalho, ou seja, a remessa de informes, mas as circunstâncias nas quais o mesmo era realizado, não apenas diante da quantidade de notícias e dados em circulação, o que demandava selecionar os aspectos a comentar e analisar, mas também o próprio horizonte de expectativas do leitor dessas colunas que, pelo menos em tese, já tinha ciência do ocorrido, ainda que de modo parcial e isolado, o que não acontecia antes do cabo submarino.

Não se imagine, entretanto, que a figura do correspondente internacional remetesse a uma situação contratual única. Pelo menos nos jornais que circulavam no Rio de Janeiro na década de 1880, o termo englobava um rol diversificado de condições, que ia desde compromissos formais, que demandavam disciplina no cumprimento de prazos e tarefas bem estabelecidas, passando pelo envio de um representante que deveria dar seu testemunho sobre eventos específicos, além de incluir colaboradores esporádicos que, pelos motivos os mais diversos, residiam temporariamente no exterior e se dispunham a encaminhar material para um jornal. Tal pluralidade indica que a função ainda estava em vias de se consolidar, tanto que nomear alguém como “nosso correspondente” não remetia, necessariamente, à situações e obrigações idênticas. Tampouco se pode esquecer que nem todos os periódicos

eram geridos segundo rígidas normas empresariais, o que ajuda a compreender o peso da informalidade e das relações de amizade.³

Infelizmente, dados sobre as condições do exercício da atividade são restritos. Para o caso dos jornais do Rio de Janeiro, sabe-se que, em fins de 1874, portanto poucos meses após a ligação com a Europa via cabo submarino, o *Jornal do Comércio* fez do brasileiro Frederico José de Santa-Anna Nery (1848-1901), residente em Paris, seu correspondente, com obrigação de enviar folhetins quinzenais, intitulados *Ver, ouvir e contar*, enquanto que, em dezembro de 1881, foi a vez de Joaquim Nabuco (1849-1910) rumar para Londres a fim de ocupar o posto de representante do mesmo matutino, vago pela morte de Willian Henry Clarck em 29 de setembro. Nabuco, ao que parece, esteve entre os primeiros a deixar o país especificamente para exercer tal tarefa e, a exemplo de Nery, o recebimento do salário vinculava-se ao cumprimento de deveres. No caso de Nabuco, as trinta libras mensais pressupunham a remessa de nove textos (três correspondências, encaminhadas três vezes por mês), o que se sabe graças à correspondência que ele manteve com o Barão de Penedo (1815-1906), que lhe indicara para o cargo e a quem esperava não decepcionar: “As minhas correspondências são um esforço heroico. Estou fazendo o melhor que posso, para no princípio da tarefa não me habituar mal. Quero também que o [diretor do jornal Francisco Antônio] Picot [1811-1902] não lhe tenha que censurar a indicação” (Nabuco, 1949, pp. 66-67).⁴

A estratégia de contar com a colaboração de escritores que já residiam no exterior atendia à boa lógica econômica e também foi adotada pela *Gazeta de Notícias*, concorrente direto do *Jornal do Comércio*. Se este último foi idealizado e esteve nas mãos de proprietários franceses até o final do Império (1889), a ideia de fundar a *Gazeta* foi do português Manoel Rodrigues Carneiro Júnior, no que foi acompanhado pelo compatriota Elísio Mendes (18??-1909) e pelo médico brasileiro José Ferreira de Souza Araújo (1848-1900), que asseguraram os recursos para a empreitada. Na redação, cumpre destacar o relevante papel cumprido por dois outros portugueses, Henrique Chaves (1849-1910) e Tomás Lino de Assunção (1844-1902). O último retornou posteriormente à Europa, mas continuou próximo da folha. Ter escritores brasileiros e portugueses de nomeada esteve entre os objetivos do jornal, que se pretendia noticioso, mas também literário, como indica o já citado prospecto, no qual se prometia, além do romance folhetim, outro de atualidades — “artes, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis se propõe trazer ao corrente os seus leitores” (*Gazeta de Notícias*, Prospecto, sem data).

3 Para uma análise dos diferentes sentidos que o termo correspondente poderia comportar nos jornais do Rio de Janeiro nos anos 1880, o que incluía não apenas relações profissionais, consultar Luca (2016).

4 Reclamações em relação à baixa remuneração eram frequentes, como exemplifica o caso de Santa-Anna Nery que, a despeito dos constantes pedidos de aumento, não teve suas demandas atendidas, tal como evidenciou Carneiro (2013, p. 108).

Ao longo do Oitocentos, o matutino reuniu em suas páginas nomes de grandes prestígios, a exemplo dos brasileiros Adolfo Caminha (1867-1897), Artur Azevedo (1855-1908), Domicio da Gama (1862-1925), Machado de Assis (1839-1908), Olavo Bilac (1865-1918), Raul Pompeia (1863-1895), Silva Jardim (1860-1892), Valentim Magalhães (1859-1903), ao que se soma uma plêiade de portugueses, a saber, Guilherme de Azevedo (1839-1882), Eça de Queirós (1845-1900), Jaime Batalha Reis (1847-1935), Mariano Pina, Oliveira Martins (1845-1894), Ramalho Ortigão (1836-1915), para ficar nos correspondentes, pois colaborações esporádicas, ou reproduções de textos publicados em periódicos lusitanos, contemplariam quase todos os nomes que desfrutaram de alguma projeção no mundo letrado daquele país. A partir de meados de 1877, Ramalho foi o primeiro a figurar regularmente na *Gazeta* como correspondente do jornal em Portugal, ao que se seguiram Eça de Queiroz (Inglaterra) e Guilherme de Azevedo (França) em 1880. A primeira colaboração de Eça, então autor amplamente conhecido no Brasil e cuja publicação de *O Primo Basílio* (1878) deu margem a ampla polêmica na imprensa local (Nascimento, 2008), mereceu a seguinte nota da redação:

Temos a satisfação de publicar hoje a primeira carta do eminente escritor português o Sr. Eça de Queirós, que acedeu ao convite que lhe fizemos para ser nosso correspondente em Londres. Seria ocioso encarecer os méritos do nosso novo colaborador, que tem um nome firmado por trabalhos de grande valor literário. Que o digam *As Farpas*, *O Crime do Padre Amaro*, *O Primo Basílio* e outros primorosos escritos. Por enquanto, o Sr. Eça de Queirós ocupar-se-á dos acontecimentos de Paris e Londres; muito brevemente tratará só da Inglaterra, logo que chegue a Paris o correspondente que para essa capital contratamos (*Gazeta de Notícias*, 24/07/1880, p. 1).

E, de fato, as duas primeiras colaborações tiveram por título “Cartas de Paris e Londres”, publicadas respectivamente em 24/07 e 17/08/1880. Ramalho e Eça mantiveram sólidas relações com a *Gazeta* e, ainda que com interrupções, aí colaboraram por anos a fio. A despeito de desfrutarem de grande prestígio, a remuneração dos dois subordinava-se à remessa dos textos. Por carta de Elísio Mendes, não datada e sem precisar o lugar de onde foi remetida, mas cujo conteúdo permite localizá-la entre maio e junho de 1884, sabe-se que Eça recebia 3 libras por folhetim e Ramalho 15, portanto, cinco vezes mais (Carta de Mendes a Mariano Pina, s/d [1884]). As obrigações de Eça foram explicitadas por missiva de 23 de janeiro de 1896, destinada ao poeta português Alberto de Oliveira (1873-1940), na qual justificou o fato de não haver trabalhado na projetada revista *O Serão*:

Ora o meu amigo sabe que eu sou, tenho sido nestes últimos anos, um redator regular da *Gazeta de Notícias do Rio*, recebendo um salário regular. Em mais de quatro meses, não mandei à *Gazeta* o valor, em presa, de um bilhete postal. Também por escrúpulo, não tendo dado o trabalho, não cobrei o salário. Mas esses salários são indispensáveis ao meu orçamento — e para legitimamente

os receber agora, tenho de mandar para o Rio o montão de prosa a que eles correspondem e que os justifica (...). Janeiro está quase no fim e eu ainda não estou sequer em metade de toda a prosa que devo à *Gazeta*. (Queirós, 1983, pp. 360-361).

O trecho é esclarecedor pois evidencia que Eça receberia se enviasse as colaborações, tanto que se apressava em produzir o material frente à necessidade do aporte financeiro proporcionado pela *Gazeta*.

Já o corresponde parisiense, mencionado na nota da redação, era Guilherme de Azevedo, poeta de *Alma Nova* (1874), cronista festejado e colaborador de importantes periódicos, entre eles *O Panorama* (Lisboa, 1837-1868), *Diário da Manhã* (Lisboa, 1876-1884), *O Pimpão* (Lisboa, 1876-1918), *O Ocidente* (Lisboa, 1878-1909) e do brasileiro *Jornal do Comércio*, para o qual remeteu de Lisboa, entre fins de 1878 e meados de 1880, as “Crônicas Lisbonenses”. Muito próximo de Rafael Borlado Pinheiro (1846-1905), participou ativamente na *Lanterna Mágica* (Lisboa, 1868-1875) e na primeira série *O António Maria* (Lisboa, 1879-1885), que registrou sua partida para Paris, via Madri, ocorrida a 6 de setembro de 1880 (*O António Maria*, 09/09/1880, p. 294), cidade na qual se instalou a 12 de setembro (Miguel, 1997, p. 208). Além das qualidades de folhetinistas e poeta, assinale-se que ele mantinha sólidos laços com figuras que gravitavam em torno da *Gazeta*, tanto que há quem afirme que o convite para o cargo de correspondente em Paris partiu de Lino de Assunção, outro amigo de quem era muito próximo (Miguel, 2000, p. 8), indicação que, por certo, contou com o apoio dos proprietários.

Cabe assinalar, ainda, as ligações entre Bordalo com o jornal brasileiro. Foi o idealizador da *Gazeta*, Manuel Carneiro, então à testa de *O Mosquito* (RJ, 1869-1877), no qual também colaboravam Ferreira de Araújo e Henrique Chaves, que convidou o caricaturista para se instalar na capital do Império. Bordalo deixou Lisboa em 19 de agosto de 1875, pouco dias depois do lançamento da *Gazeta*, e, no mês seguinte, já iniciou sua colaboração no semanário humorístico (França, 2007, p. 19). Permaneceu no país até 1879 e fundou seus próprios periódicos satíricos, tendo se tornado bastante próximo de Henrique Chaves, figura de proa na *Gazeta*. Bordalo não perdeu a oportunidade de se postar ao lado de Eça de Queirós e do seu *O Primo Basílio*, valendo-se do lápis para polemizar com Machado de Assis (Mérian, 2007, pp. 17-23).

Não é possível saber os detalhes do acordo firmado entre o matutino e Guilherme de Azevedo, cujas primeiras contribuições figuraram o jornal a partir de fins de 1880. Ao anunciar a novidade aos leitores, os responsáveis pela folha esclareceram:

O Sr. Guilherme de Azevedo enviar-nos-á de Paris folhetins literários, crônicas e correspondências políticas. Ficamos assim aptos para bem informar nossos leitores de todo o movimento Europeu, que nos será relatado e comentado por escritores como Ramalho Ortigão, em Lisboa, Eça de

Queirós, em Londres, Guilherme de Azevedo, em Paris, e Luiz Guimarães,⁵ em Roma (*Gazeta de Notícias*, 28/09/1880, p. 1).

E, de fato, além de confirmar a opção por nomes já instalados no país a respeito do qual escreveriam, exceção feita a Guilherme de Azevedo, o rol também indica os laços de proximidade que ligavam os colaboradores do jornal.

A consulta aos exemplares da *Gazeta* indicou que a maioria dos textos remetidos de Paris por Azevedo foi enfileirada sob a rubrica “Correio de França”, não assinada, diferentemente do que ocorria com as bem mais esparsas “Cartas de Paris”, coluna que, no início de 1882, passou a denominar-se “Crônica de Paris”, ambas com indicação de autoria.⁶

Segundo informações de Bordalo, que então se encontrava na capital francesa, a saúde de Guilherme dava sinais de fraqueza desde fevereiro, mas foi somente em fins de março que ele foi internado, falecendo pouco depois, a 6 de abril. O enterro ocorreu dois dias depois. Na historiografia literária, é frequente que se aponte a segunda data como a do seu passamento, assim como não há acordo quanto aos que estiveram presentes no cemitério de Saint-Ouen na manhã daquele sábado. A notícia da morte de Guilherme tardou a aparecer nos jornais brasileiros, pois o *Jornal do Comércio*, do qual ele fora correspondente em Lisboa, e a *Gazeta de Notícias* comentaram o fato somente em 29 de abril (*Gazeta de Notícias*, 29/04/1882, p. 1), a partir de jornais chegados de Portugal no vapor *Galícia*.⁷ As folhas portuguesas já haviam rendido homenagens ao cronista, que não rompeu os laços com a imprensa local durante os anos que residiu em Paris, uma vez que continuou a colaborar com *O Primeiro de Janeiro* (Porto, 1868-2008), *Diário da Manhã*, que reproduzia parte do que publicava na *Gazeta*, e com o *Álbum das Glórias* (Lisboa, 1880-1883), de Rafael Bordalo.

O detalhe do atraso é significativo pois não restam dúvidas que os proprietários da *Gazeta* souberam do falecimento muito antes. Ferreira de Araújo, redator e um dos proprietários, foi representado na cerimônia por Lino de Assunção, na qual também esteve presente o encarregado das questões comerciais do jornal na Europa, Charles Hoffmanns, além de

5 Trata-se do escritor brasileiro Luiz Caetano Pereira Guimarães Júnior (1845-1898), à época atuando como diplomata na Itália, próximo de Ramalho, Eça, Fialho de Almeida (1857-1911) e Guerra Junqueiro (1850-1923).

6 Nota da redação esclareceu: “O nosso correspondente de Paris modifica os seus trabalhos a contar do começo deste ano. Guilherme de Azevedo enviar-nos-á, tão amiudadamente quanto possível, *crônicas* da grande capital, que serão publicadas no corpo da folha, guardando o *rez-de-chaussée* para assuntos puramente literários, sempre que se lhe ofereça ensejo. Não obstante, continuaremos a dar como até aqui a maior soma de notícias em todos os correios de França. Supomos que os leitores ficarão assim mais bem servidos” (*Gazeta de Notícias*, 03/01/1882, p. 1). Na prática, além da mudança na denominação da coluna, de “Cartas de Paris” para “Crônica de Paris”, esta última deixou de ocupar o pé da página, como era praxe até então.

7 O *Jornal do Comércio* (29/04/1882, p. 2) reproduziu nota publicado no *Diário Popular* (Lisboa, 1866-1896) na qual, possivelmente por erro tipográfico, a morte era indicada como tendo ocorrido a 8 de abril. Talvez esta seja a origem do equívoco.

outros amigos nomeados por L. de A.⁸, que acompanhou o préstito e esclareceu que “os convites [para a cerimônia] foram feitos pela *Gazeta* e pelos amigos” (L. de A. *Gazeta de Notícias*, 03/05/1882, p. 1).⁹ É certo que a folha de Ferreira de Araújo poderia silenciar sobre o ocorrido até 29 de abril, data em que outros matutinos do Rio de Janeiro trouxeram a notícia, municiados pelos exemplares de jornais portugueses que aportaram com o vapor *Galícia* em 28 de abril. Talvez não seja mero acaso o fato de, justamente no dia seguinte à publicação da notícia, reaparecer o “Correio de França” (*Gazeta de Notícias*, 30/04/1882, p. 2).¹⁰

3. Mariano Pina e a *Gazeta de Notícias*

Se para Guilherme de Azevedo, graças aos desenhos do amigo Bordalo e à correspondência que mantiveram, é possível estabelecer com precisão a data que deixou Lisboa e o momento da instalação em Paris, o mesmo não ocorre com o seu substituto, Mariano Pina. De fato, conta-se com alguns poucos indícios, provenientes do espólio dos irmãos Augusto e Mariano, depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, e que não permitem estabelecer uma cronologia exata. Impossível mesmo é determinar, com os dados até o momento disponível, a autoria da seção “Correio de França” que, conforme se destacou, voltou a ser publicada na *Gazeta* em 30 de abril de 1882, com menção de que o texto fora escrito em 6 de abril, dia do falecimento de Guilherme de Azevedo. Nesta data, é certo que Pina ainda não se mudara para Paris, como indica a carta que lhe foi remetida do Rio de Janeiro por Henrique Chaves a 8 de abril de 1882, dia do enterro de Guilherme, e na qual se explicitavam as tarefas do novo correspondente. Os cumprimentos a Ramalho e Gervásio Lobato (1850-1895) atestam que Pina estava em Lisboa. A missiva também é significativa por indicar que os responsáveis pela *Gazeta* sabiam da gravidade da doença de Guilherme, tanto que estavam em curso tratativas para substituí-lo. A despeito de longa, vale reproduzir a íntegra da missiva, transcrita por Miné (1992, pp. 44-45, grifos no original):

Rio de Janeiro, 8 de Abril de 1882

Meu caro Pina

A tua proposta foi aceita com prazer. Estás nomeado correspondente da *Gazeta de Notícias* em Paris.

Não debes essa nomeação senão ao teu trabalho e talento. A mim nada tens que agradecer.

8 É possível que se trata do brasileiro Luís de Andrade (1849-1912), que mantinha sólidas relações com o mundo letrado de Portugal, onde estudou (Silveira, 1981, p. 15).

9 Detalhes sobre os últimos momentos de Guilherme de Azevedo encontram-se na edição a ele dedicada de *O António Maria*, 16/04/1882.

10 A última contribuição localizada de com esse título, datada de Paris, 10/03/1882, encontra-se na *Gazeta de Notícias*, 03/04/1882, p. 1.

O Elísio [Mendes] escreve-te por este paquete e nesta altura, dando-te as necessárias instruções financeiras. Quanto à maneira de fazeres o serviço, aí vão algumas indicações:

1ª Mandar correspondência, uma carta com o título — “Correio de França”, por todos os paquetes regulares, que são seis por mês e por aqueles extraordinários, que puderem adiantar. Bem informado destes movimentos de paquetes, casos haverá em que possas mandar a carta via Lisboa, visto a brevidade de comunicação.

2ª Mandar duas “Crônicas de Paris”, que poderás assinar. Essas crônicas podem ser quinzenais.

3ª Mandar notícias artísticas e teatrais, em separado, para nós cá as metermos nas respectivas seções.

4ª Cortar dos jornais ou revistas os artigos que julgares interessantes, caso não possas mandá-los traduzidos.

5ª Convém que as correspondências não sejam longas — oito ou nove tiras, é uma medida regular. Quanto ao seu espírito ou à sua índole pelo que respeita a política, cá ficamos perfeitamente tranquilos porque conhecemos as tuas tendências, Não debes perder de vista que a *Gazeta* é uma folha popular. Não debes pois ter preocupações de escola na maneira de escrever. Escreve do modo que possas agradar ao maior número. Muito melhor do que eu debes saber que tudo se pode dizer, sem sacrifício de opiniões. Se te dou estes conselhos é porque desejo e espero que tenhas um magnífico êxito nessa empresa.

6ª Mandarás telegramas de casos importantes da política europeia. A este respeito nada te posso dizer. Serás o único juiz das ocasiões em que debes fazer trabalhar os fios ao serviço da *Gazeta*.

É só.

Agora sê feliz e espero por um abraço que em breve te hei de dar.

Tenho acompanhado os teus artigos no *Diário da Manhã* e em outras publicações. O do pobre Guilherme está magnífico. Não nenhum melhor.

Não sei se escreverei ao Bordalo.

Dá-lhe um abraço bem como ao Ramalho e ao Gervásio.

Teu amigo

H. Chaves.

A julgar pela afirmação de Chaves, o jovem jornalista não foi convidado, antes teria ofertado os seus serviços.¹¹ Parece pouco provável que os proprietários da *Gazeta* arriscassem nomear um desconhecido para cargo tão relevante. De fato, Pina era um jovem de vinte e dois anos, cuja colaboração na imprensa iniciara-se pouco antes, mais precisamente em 1878 no *Diário do Comércio* (Lisboa, 1876-1880). Logo passou para o *Diário da Manhã*, de Manuel Pinheiro Chagas

11 O fato em si não era inusual. Em 1892, Batalha Reis, colaborador assíduo da *Gazeta* e que fixara residência em Londres, escreveu a Ferreira de Araújo oferecendo-se para comentar a política inglesa, proposta polidamente postergada sob justificativa do câmbio desfavorável e das elevadas despesas já contraídas com correspondentes, telegramas e serviço da Havas (Miné, 2017, pp. 22-23).

(1842-1895), de quem tornou-se próximo e para cuja folha escrevia críticas literária e artística. Travou polêmica acirrada com Camilo Castelo Branco (1825-1880) a respeito do seu livro *Cancioneiro Alegre* (1879), oportunidade em que exaltou Ramalho e Eça. Também se bateu pelos artistas que se reuniam informalmente na Cervejaria Leão de Ouro, entre os quais estavam os irmãos Rafael e Columbano Bordalo Pinheiro (1857-1929), Silva Porto (1850-1893), António Ramalho (1859-1916) e que foram batizados por Pina, que também frequentava as tertúlias, de Grupo do Leão, representado em famoso quadro de Columbano.¹²

Pina nunca desmentiu os que atribuíam a Pinheiro Chagas sua indicação para correspondente em Paris, fato que, anos mais tarde, a própria *Gazeta* reafirmou.¹³ Já as obrigações que deveria cumprir eram bastantes variadas, o que se compreende em face da importância de Paris, cidade que capturava a imaginação da elite brasileira e que se constituía em centro de irradiação cultural mais importante da Europa no século XIX, e do interesse despertado pela conjuntura política francesa. Como indica a carta de Chaves, esperava-se que Pina remetesse material diversificado, desde telegramas, recortes de jornais, além dos textos escritos para as colunas, que continuavam a manter os mesmos títulos anteriores, “Correio de França”, não assinado, e “Crônicas de Paris”. Já a mencionada carta de Elísio Mendes, que seguiu no mesmo pacote com explicitação dos detalhes financeiros (entenda-se, a remuneração pelos serviços), não foi conservada, uma vez que a missiva mais antiga de Elísio Mendes data de agosto de 1882.

A correspondência trocada entre Pina e Bordalo Pinheiro, por sua vez, é preciosa por fornecer alguns elementos sobre a instalação do novo correspondente na capital francesa. Há uma carta que traz a indicação “terça-feira, 20”, escrita em papel do *Grand Hotel du Globe, 50, Rue des Écoles*. Nela Mariano informou ao amigo: “Cheguei no domingo 11 a Paris”. A despeito de não indicar o mês e o ano, é possível afirmar, a partir de inferências diversas, que a carta foi escrita pouco depois de se instalar na cidade. Note-se que Pina ainda estava hospedado num hotel e abriu a missiva referindo-se à recente passagem de Bordalo pela capital francesa — ele partiu após o enterro de Guilherme de Azevedo, em abril de 1882. Também mandou notícias do irmão do destinatário e elogiou o quadro de Columbano em exposição no Salão de Paris, aberto no Palácio das Indústrias a 1º de maio de 1882. É patente o deslumbramento do

12 Os dicionários literários são econômicos e repetitivos em relação a Pina. Informam que ele nasceu em Alcobaça (29/01/1860), iniciou estudos de Medicina, abandonados quando da morte do pai. Ao longo da vida, além dos periódicos citados, colaborou em vários outros, a exemplo do *Jornal do Comércio* (Lisboa, 1853-1989), *Correio Nacional* (Lisboa, 1893-1906) e do *Diário Popular*. Foi diretor e depois co-proprietário da revista *A Ilustração* (Paris, 1884-1892). Fundou *O Espectro* (Paris, 1890) e assumiu a condução da diário *O Nacional* (Lisboa, 1890-1891). Inseriu-se no mundo do teatro como tradutor e agente, editou algumas obras e reuniu em livro o relato da única viagem que fez ao Brasil em 1895, onde permaneceu por três meses (Pina, 1896). Quando de sua viagem, além das atividades na imprensa portuguesa, atuava como correspondente do *Jornal do Brasil* (RJ, 1891), assinando a série “Cartas de Europa”, atividade que manteve até falecer de tuberculose, em São João do Estoril a 30/03/1899.

13 A respeito ver: (*Diário Ilustrado*, 01/09/1889, p. 1) e a nota publicada por ocasião de sua morte em *Gazeta de Notícias*, 02/04/1899, p. 1.

recém chegado pela cidade (“ainda não supri a minha vontade de Paris”) e, no que respeitava às suas novas obrigações, declarou: “daqui há uns dez dias começo os meus trabalhos para a *Gazeta*”. O fato era do conhecimento do jornal, pois Pina estava em companhia de um dos proprietários: “O Ferreira de Araújo está presentemente em Paris e tenho passado com ele horas bem agradáveis” (Carta de Mariano Pina a Rafael Bordalo Pinheiro, 20 [06/1882]). No calendário de 1882, domingo 11 e terça feira 20 remetem apenas para o mês de junho.

É certo que as indicações são circunstanciais, mas ganham densidade quando se leva em conta que a carta de Chaves, datada de 8 de abril, deve ter levado entre quinze e vinte dias para chegar às suas mãos e, considerando-se que Pina deveria mudar de país, não parece despropositado que despendesse pouco mais de um mês para fazê-lo. No espólio, uma das cartas mais antigas é de Eça de Queirós que, em 04 de julho de 1882, desejou-lhe “boa saúde em Paris!” (Carta de Eça de Queirós a Mariano Pina, 04/07/1882), nova pista de que acabara de se instalar.

A correspondência trocada com Ferreira de Araújo,¹⁴ que da França seguiu para a Inglaterra e Holanda, revelam um Mariano Pina muito interessado em ter em mãos os exemplares da *Gazeta* nos quais figurava. Na remetida de Londres, em 07 de agosto de 1882, lê-se:

Recebi hoje *Gazeta* até 15 de julho [de 1882]; ainda não trazem correspondência nem é tempo. Se a sua primeira carta foi pelo paquete de Marselha a 29 de junho [de 1882], podemos lê-las aqui na *Gazeta* que enviaram do Rio 24 ou 28 de julho [de 1882], e que chegam à Paris a 13 ou 17 deste [agosto de 1882]. (Carta de Ferreira de Araújo a Mariano Pina, 07/08/1882).

O dado é relevante por sugerir que, até 29 de junho, Mariano ainda não havia enviado material para o jornal, o que está de acordo com a afirmação feita a Bordalo em 20 de junho de 1882, segundo a qual iniciaria o trabalho daí uns dez dias. Que ele continuava ansioso por ter em mãos os exemplares da *Gazeta* com as suas colaborações, atesta nova carta de Ferreira de Araújo, desta vez da cidade de Anvers (Antuérpia), datada de 25 de agosto:

Recebi hoje uma carta sua. Tenho recebido as Gazetas em que veem as suas crônicas, mas não as tenho guardado. O remédio, porém, é fácil; vá, em meu nome, à casa dos Srs. Gallien & Prince, 36, Rue Lafayette, que eles lhe permitirão que leias lá as Gazetas, enquanto as não receber diretamente do Rio. Diga-lhes que é o nosso correspondente. Para o próximo correio, se ainda as não receber, eu posso enviar-lhe as minhas (Carta de Ferreira de Araújo a Mariano Pina, 25/08/1882).

14 No espólio, Ferreira de Araújo está identificado como Ferreira de Amorim.

A consulta à *Gazeta* evidenciou que, entre a última contribuição de Guilherme de Azevedo localizada (o já citado “Correio de França” de 03/04/1882) e a retomada da série no último dia de abril, os leitores ficaram quase um mês sem contar com colaborações provenientes da França. Houve novo interregno significativo entre 30 de abril e 14 de maio, data a partir da qual a série voltou a figurar de maneira constante, conforme se observa na Tabela n. 1:

Tabela 1
“Correio de França”, *Gazeta de Notícias* (abril a julho de 1882)

Data do texto	Data na <i>Gazeta</i>	Autoria
10/03	03/04/1882, p. 1	Último texto de Guilherme de Azevedo
06/04	30/04/1882, p. 2	Autoria não identificada
09/04	14/05/1882, p. 2	Idem
16/04	15/05/1882, p. 2-3	Idem
21/04	18/05/1882, p. 2	Idem
24/04	21/05/1882, p. 1-2	Idem
Sem data	22/05/1882, p. 1	Idem
30/04	26/05/1882, p. 2	Idem
04/05	29/05/1882, p. 1	Idem
Sem data	30/05/1882, p. 2	Idem
12/05	05/06/1882, p. 1-2	Idem
23/05	18/06/1882, p. 2	Idem
28/05	21/06/1882, p. 1	Idem
02/06 ¹⁵	26/06/1882, p. 1	Idem
31/05	30/06/1882, p. 1-2	Idem
27/06	25/07/1882, p. 1	Provável texto de estreia de Mariano Pina
30/06	30/07/1882, p. 2	Mariano Pina
04/07	31/07/1882, p. 1-2	Mariano Pina

Elaboração da autora. Fonte: *Gazeta de Notícias*. Consultada em 20 de abril de 2020. Coleção integral disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730>.

Se, de fato, Pina somente remeteu material em 29 de junho, conforme se lê na carta de Ferreira de Araújo, pode-se creditar a ele os textos datados a partir de 27 de junho de 1882, permanecendo em aberto a autoria das catorze ocorrências registradas entre abril e junho. Ao iniciar sua colaboração para a *Gazeta*, Eça de Queirós foi responsável, por um breve período de tempo, por comentar, a partir de Bristol, notícias de Paris e Londres, o que evidencia

15 Observe-se que o correspondente mandava um conjunto de texto, cabendo ao editor escolher a ordem na qual seriam publicados, como se observa aqui. A colaboração escrita a 02 de junho foi publicada antes da datada de 31 de maio.

que era possível, para um residente europeu, elaborar um apanhado dos jornais franceses e remeter considerações para o jornal, situação que não poderia prolongar-se indefinidamente. No caso do “Correio de França”, Chaves fez questão de destacar que esse texto não era assinado e deveria ter caráter noticioso, o que de fato se observa nas quatorze ocorrências citadas, que se concentraram, sobretudo, em questões de ordem política.

Outro indício provém da carta remetida do Rio de Janeiro, em 1º de agosto de 1882 por Elísio Mendes, que elogiou Pina nos seguintes termos:

As suas três primeiras correspondências já publicadas agradaram. Para agradarem muito faltalhes só mais alguns meses de Paris. Têm a amenidade que convém à *Gazeta*. Estás compreendendo perfeitamente o gênero criado pelo jornal e seguindo-o. Dou-lhe os parabéns depois de os ter dado a mim (Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina, 01/08/1882).

Dois pontos merecem ser destacados. O responsável pelos rumos financeiros do jornal certamente estava atento ao que o jovem correspondente remetia de Paris. Ao mencionar, em 1º de agosto de 1882, as três contribuições já publicadas, Mendes referia-se aos “Correio de França” estampados ao longo do mês anterior (dias 25, 30 e 31) e escritos, respectivamente, em 27 e 30 de junho e 4 de julho (ver Tabela n. 1), dados que estão em sintonia com o que se lê nas cartas de Ferreira de Araújo. Do ponto de vista da diagramação, foi justamente a partir de julho que a coluna passou a vir encimada por um resumo, que dava conta dos principais temas tratados, aspecto não observado nas ocorrências anteriores.

O segundo ponto diz respeito ao fato de Elísio declarar-se satisfeito consigo mesmo, modo pouco sutil de lembrar a Pina que ele apoiou sua indicação para o posto, o que ajuda a entender o processo de escolha dos colaboradores. Além de contar com a simpatia de intelectuais de peso no cenário português, os quais mantinham relações próximas com o jornal, caso de Bordalo Pinheiro, Eça de Queirós, Pinheiro Chagas e Ramalho Ortigão, ele também recebeu o aval de um dos proprietários, que fez questão de deixar isso bem claro. Não se pode perder de vista que Pina não desfrutava nem do prestígio nem da legitimidade intelectual quer do seu antecessor, Guilherme de Azevedo, quer de seus apoiadores. Para obter o cargo, teve que contar o apoio da rede de amizades tecidas dos dois lados do Atlântico e que tinha como ponto de interligação a *Gazeta de Notícias*.

Não foi de imediato que Pina acertou o tom. Em 23 de setembro de 1882, Henrique Chaves enviou-lhe nova carta e, a despeito de louvar os esforços do correspondente, ponderou:

O teu serviço tem agradado e estamos satisfeitíssimos. Simplesmente há ainda algumas modificações a fazer.

O “Correio de França”, que deve vir por todos os paquetes que adiantarem, deve trazer notícias e somente notícias. Geralmente veem bem escritos demais, com estilo de folhetim. Em vez da

qualidade é preferível atender à quantidade. Digo-te isto com toda a franqueza para melhor te guiar. As correspondências do Jornal do Comércio, da mesma data, trazem sempre muito maior cópia de notícias.

A meu ver, e creio que segundo os interesses da folha, no “Correio de França” devias começar por uma pequena resenha política referente aos conteúdos dos paquetes e depois fazeres um verdadeiro noticiário — fatos e poucos comentários.

Só temos recebido um folhetim. Entretanto eles devem ser quinzenais e aqui poderá fazer brilhar o teu estilo, perfeitamente à vontade.

Repito, o teu serviço tem agradado, mas feitas as modificações indicadas ainda melhor ficará. É preciso distinguir, até na forma, o que é uma carta noticiaria de um folhetim, que é sempre uma obra literária.

Creio e confio que não levarás a mal estas impertinências, que aliás, de modo algum atacam o teu talento e a tua independência de escritor. São apenas conveniências mutuas.

Continue a mandar em separado tudo quanto te parecer interessante (Carta de Henrique Chaves a Mariano Pina, 23/09/1882).

As observações de Chaves indicam preocupação com a notícia, ou seja, contrariamente ao que se esperava de outros correspondentes, que assinavam apenas folhetins, da França era preciso contar com um serviço informativo, com ênfase nas questões políticas. Tendo em vista que a preocupação não era com a qualidade da escrita, mas com a quantidade do que se remetia, o texto não era assinado e não assumia o estatuto de obra literária, reservada apenas para o folhetim, conforme enfatizou Chaves.¹⁶ Na perspectiva do remetente, Pina esmerava-se na elaboração do “Correio de França” e perdia de vista a função que a coluna deveria cumprir no interior do jornal, além de descuidar do envio do folhetim quinzenal.

O fato é que, ao longo do período em que respondeu pelo cargo, Pina enviou apenas catorze textos assinados, publicados fora da coluna “Correio de França”, mas que nunca receberam o título “Crônica de Paris”, como era praxe no tempo de Guilherme de Azevedo. Especificamente para 1882, há registro de quatro colaborações dessa natureza (Ver Tabela n. 2), o que não deve ter ajudado a torná-lo conhecido dos leitores brasileiros.¹⁷

16 Era grande a preocupação com a informação. Em carta, Elísio insistiu: “(...) sobre telegramas não se descuide, que queremos fazer disso atenção e atração (...). Passar os telegramas até às 5 da tarde para que cheguem no mesmo dia”. Não faltaram elogios, “o seu telegrama do ministério veio com vantagem ao da Havas”, e críticas, “o seu telegrama sobre a derrota dos egípcios no Sudão foi expedido muito tarde. O da Havas já lá estava”. Ver, respectivamente, (Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina datadas de 01/08/1882, 12/09/1882 e 02/03/1884).

17 A ausência de textos assinados foi observada por um amigo de Lisboa: “Temos lido poucos folhetins teus na *Gazeta*”. (Carta de Carlos de Moura Cabral a Mariano Pina, 27/10/1882). Como se observa na Tabela 2, até a data da missiva, o jornal havia estampado dois textos assinados por Pina.

Tabela 2

Texto de Mariano Pina publicados fora da seção “Correio de França” (1882-1886)

Data de escritura do texto	Data de publicação Gazeta	Título	Subtítulo	Assinatura
1) Sem data	11/08/1882	Quadros de Paris	O 14 de julho	Mariano Pina
2) Sem data	18/10/1882	Quadros de Paris	O suicídio de uma atriz	Mariano Pina
3) Sem data	27/11/1882	Vida Parisiense	O comediante	Mariano Pina
4) Sem data	26/12/1882	Vida Parisiense	<i>O Roi s'amuse I</i>	Mariano Pina
5) 10/12/1882	08/01/1883	Vida Parisiense	<i>O Roi s'amuse II</i>	Mariano Pina
6) 21/12/1882	15/01/1883	Quadros de Paris	O enterro de Luís Blanc	Mariano Pina
7) 04/01/1883	28/01/1883	Morte de Gambetta	Correspondência especial	M. Pina
8) 24/12/1883	30/01/1883	Vida Parisiense	O Natal	Mariano Pina
9) Fev./1883	15/03/1883	Vida Parisiense	Os bailes da Grande Ópera	Mariano Pina
10) 06/03/1883	07/04/1883	Vida Parisiense	Sarah Bernhardt	Mariano Pina
11) Maio/188	30/06/1883	Vida Parisiense	O Salão. Brasileiros e portugueses	Mariano Pina
12) Sem data	12/06/1884	Vida Parisiense	O Salão de 1884	Mariano Pina
13) 25/05/1884	21/06/1884	Extinção da hidrofobia	Descoberta do sábio Pasteur	M P
14) 05/06/1885	25/06/1885	Os funerais de Victor Hugo	-----	Mariano Pina

Elaboração da autora. Fonte: *Gazeta de Notícias*. Consultada em 20 de abril de 2020.

Coleção integral disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730>.

A partir do início de 1883, o “Correio de França” passou a indicar autoria, fosse pelas iniciais ou por extenso, o que coincidiu com a presença, cada vez mais esparsa, dos textos que Henrique Chaves denominava de folhetins, dado que pode, ainda uma vez, ser constatado na Tabela n. 2. Noutros termos, a separação, tão insistentemente solicitada entre notícia e literatura, acabou por ser, na prática, abandonada e o trabalho de Pina concentrou-se na seção inicialmente concebida como informativa, que somou pouco mais de uma centena e meia de ocorrências, cabendo observar que, a partir de novembro de 1885, o conteúdo enviado foi, em várias oportunidades, dividido e publicado em dias subsequentes ou próximos (ver Tabela n. 3). É difícil saber se os proprietários mudaram de ideia ou se acabaram por entrar em acordo com um correspondente renitente.

Tabela 3

Textos de Mariano Pina publicados na seção “Correio de França”

Ano	Mês/Dias de publicação na <i>Gazeta</i>	Total
1882	Jul. (25, 30, 31), Ago. (02, 06, 14, 25, 27), Set. (09, 12, 17, 26), Out. (03, 15, 27), Nov. (13, 19, 26), Dez. (01, 15, 17, 24)	22
1883	Jan. (02, 11, 18), Fev. (01, 09, 15), Mar. (05, 09, 10, 13, 20, 24), Abr. (12, 15, 23, 26), Maio (05, 07, 11, 17, 25), Jun. (10, 18, 22), Jul. (03, 16, 23, 26), Ago. (09, 12, 19, 25), Set. (02, 16, 18, 24, 26), Out. (09, 12, 24, 28, 30), Nov. (02), Dez. (05, 08, 20, 30).	47
1884	Jan. (11, 18, 29), Fev. (02, 15, 27), Mar. (05, 08, 24, 29), Abr. (10, 12, 18), Maio (04, 13, 19, 24), Jun. (11, 15, 18, 25), Jul. (19, 31), Ago. (16, 17), Set. (05, 20, 21, 25), Out. (03, 04, 16, 21, 31), Nov. (14, 19), Dez. (01, 24, 26)	39
1885	Jan. (03, 14), Fev. (06, 17), Mar. (08, 23, 25, 31), Abr. (04, 06, 16, 24), Maio (01, 03, 13, 19, 31), Jun. (05, 13, 30), Jul. (06, 12), Ago. (10, 18), Set. (N/C), Out. (03, 09, 13, 26, 28), Nov. (23-24, 29-30), Dez. (12-13, 29-30).	33
1886	Jan. (11-15, 17-18), Fev. (01-02, 03-07, 24, 25-26), Mar. (04, 05, 08, 26, 31), Abr. (04, 13-14)	13
		154

O negrito indica que o conteúdo da correspondência foi dividido e publicado em dois dias.

Elaboração da autora. Fonte: *Gazeta de Notícias*. Consultada em 20 de abril de 2020.

Coleção integral disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/gazeta-noticias/103730>.

A situação de Pina na *Gazeta de Notícias* sempre foi, em certa medida, excepcional. Muito jovem e relativamente pouco conhecido no meio literário português (para não mencionar o brasileiro, no qual era incógnito), galgou posto importante, que lhe abriu outras oportunidades, a principal delas, ainda uma vez, decorrente do posto que ocupou na *Gazeta*.

No início de 1884, Elísio Mendes decidiu lançar a revista *A Ilustração*, impressa em Paris e remetida quinzenalmente para Lisboa e o Rio de Janeiro, cujo primeiro número veio a público em 5 de maio do referido ano. Homem de negócios e pouco afeito às letras, incumbiu seu correspondente em Paris de assumir a direção literária do empreendimento, que tinha em vista oferecer um produto sofisticado, sem igual nos mercados português e brasileiro, mas ainda assim por preços módicos. O segredo do negócio residia nos acordos firmados com a *Société Anonyme des Publications Périodiques*, empresa francesa que não apenas imprimia a revista, mas colocava à disposição dos responsáveis, por valores quase simbólicos, sua coleção de clichês já utilizados. Assim, além das funções de correspondente, Pina também atuou como editor, sem que o nome de Elísio figurasse na publicação. O posto foi fundamental para que se firmasse no cenário cultural dos dois lados do Atlântico.¹⁸

A tarefa não deveria interferir nas suas antigas obrigações: “Recomendo-lhe de modo que não deixe de se dedicar ao serviço da *Gazeta* e não se esqueça de mudar correspondências noticiosas. É preciso que aquela não seja prejudicada pela nova folha [*A Ilustração*]” (Carta

18 Para análise detalhada da revista e do seu impacto na carreira de Pina, que se tornou coproprietário da publicação em dezembro de 1885, consultar (Luca, 2018).

de Elísio Mendes a Mariano Pina, 02/05/1884). Se os folhetins foram raros ao longo de 1882 (4 ocorrências) e 1883 (7 ocorrências), tornam-se bissextos em 1884 (2 ocorrências) e 1885 (uma ocorrência), o que aponta para um novo arranjo, que passou a envolver a remessa regular do “Correio de França”, com indicação de autoria a partir de janeiro de 1883, e algumas poucas colaborações estampadas fora dessa coluna, relativos a eventos ou ocasiões excepcionais, prática mantida pelo correspondente que substituiu Mariano Pina.

No que tange à distribuição das 168 contribuições (154 no “Correio de França” e 14 fora desta seção), as Tabelas n. 2 e 3 indicam que não é possível estabelecer um padrão quanto à frequência de publicação do material remetido de Paris. Como regra geral, os leitores contavam entre três e cinco contribuições, distribuídas ao longo do mês. Entretanto, várias questões poderiam interferir nesse fluxo, a começar pelos surtos do cólera de 1884 e 1885, que impuseram quarentenas aos viajantes e restrições às entradas de navios nos portos, fossem da Europa e/ou da América Latina, além de eventuais impedimentos de saúde ou de outra ordem do correspondente, o que poderia resultar em intervalos maiores entre as remessas.

Mesmo em condições normais, era preciso contar com imprevistos. Segundo informações do próprio Pina, havia três companhias responsáveis pelas malas postais para o Brasil, duas britânicas, a *Pacific Steam Navigation Company* (rota Liverpool, Bordeaux, Lisboa, Cabo Verde, Rio de Janeiro, Montevidéu, de onde seguia para o Chile e o Peru), a *Royal Mail Steam Packet Company* (rota Southampton, Lisboa, Madeira, São Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires) e a francesa *Messageries Maritimes* (rota Bordeaux, Lisboa, Canárias, Dakar, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevidéu e Buenos Aires), que juntas respondiam por cinco saídas mensais para o Brasil, e não seis como mencionou Henrique Chaves em sua carta. Entretanto, cada empresa atuava de forma independente e era comum que navios partissem na mesma data ou em dias subsequentes, o que exasperava o correspondente, que ficava limitado a três malas postais.¹⁹ Nesse contexto, era fundamental que os textos especificassem a data em na qual haviam sido escritos, o que cumpria

19 Veja-se o seu desabafo: “Tenho diante de mim um abismo de quinze dias onde não surgiu sequer — já não digo paquete — mas ao menos uma triste e magra canoa, que pudesse levar ao Brasil as últimas notícias da Europa. Na verdade este serviço de paquete está sendo pessimamente feito. (...) Há três companhias, duas inglesas e uma francesa, que fazem o serviço dos correios para o Brasil. Há regularmente cinco paquetes mensais. Pergunto: Que diabo custa arranjar um acordo entre estas três companhias de modo que as malas partam regularmente de França e de Inglaterra uma vez por semana? Que conveniência há em que um paquete da *Pacific* ou da Mala Real [*Royal Mail*] saia no mesmo dia ou um dia depois da saída do paquete francês? De forma que, com o estado atual do serviço marítimo, a Europa só pode comunicar duas vezes por mês, ou muito três, com o Brasil (...). Nos correios a confusão é enorme; as correspondências às vezes não alcançam os paquetes (...). Atendendo a que todos os paquetes, franceses e ingleses, antes de seguir para o Brasil tocam invariavelmente em Lisboa, todas as correspondências serão enviada para Lisboa, entrando ali no primeiro vapor que estiver para sair (...). O serviço dos correios entre a Europa e o Brasil, tal como ele está sendo feito — é simplesmente idiota. Quem primeiro se ressentiu de semelhante irregularidade é o comércio, este comércio que é, por assim dizer, toda a vida do Brasil” (Pina, 19/07/1884, p. 1). De fato, o texto, datado de 20/06/1884 foi publicado em 19/07. A indignação também se prendia, ainda que sem o mencionar, ao atraso na remessa da revista *A Ilustração*, por ele dirigida e seguia de Paris para Lisboa e o Rio de Janeiro.

a função de informar o leitor sobre as circunstâncias vigentes quando de sua produção, pois o conteúdo sempre referia-se à situação pregressa em relação à data da publicação, além de subsidiariamente permitir que os proprietários do jornal acompanhassem o ritmo de trabalho do seu correspondente.

A comparação entre as duas datas, ou seja, a da escritura do texto em Paris e a de sua impressão nas páginas do matutino do Rio de Janeiro, revela que o tempo médio decorrido era de três a quatro semanas. Intervalos de menos de vinte dias foram raros, assim como os que ultrapassaram a casa dos cinquenta. Esses limites não se constituem em meros detalhes, antes apontam tanto para os problemas de logísticas enfrentados para o envio das malas postais da Europa para o Brasil, quanto para o interregno entre o momento em que a correspondência foi escrita e o de sua leitura, o que atesta a temporalidade complexa que atravessava as páginas das folhas diárias.

Das 168 contribuições, apenas onze (6,5%) não trouxeram data. A análise das mesmas fornece pistas sobre a cadência do trabalho de Mariano Pina. Assim, entre os anos de 1882 e 1883, apenas em duas e quatro oportunidades, respectivamente, ele deixou de escrever para a *Gazeta* por mais de dez dias, prática que tendeu a se tornar mais frequente entre 1884 e 1885, com doze registros em cada ano e intervalos mais largos, que oscilaram entre quinze e vinte dias. Já em 1886, as colaborações restringiram-se aos três primeiros meses do ano e várias não indicaram a data de escritura.

A própria divisão das correspondências, frequente a partir de fins de 1885, como se observa na Tabela n. 3, parece indicar que o “Correio de França” estava sendo preterido por em favor de outros conteúdos, o que pode ser interpretado como indício de que as relações entre Pina e o jornal não iam bem. Uma espécie de advertência lhe fora feita por Mendes ainda em 1884, momento em que *A Ilustração* acabara de ser lançada e cujas vendas no Brasil não iam muito bem. Elísio queixou-se do sabor português da revista, crítica que estendeu ao material enviado por Pina para a *Gazeta*:

(...) em confidência o [Ferreira de] Araújo diz-me que mesmo nas correspondências o amigo acen-tua muito em coisas portuguesas, que pouco importam ao Brasil, tratando-se de um correspon-dente em Paris (...). O Araújo diz-me: eu bem sei que ele não conhece o Brasil, mas pode deixar de estar a fazer confrontos e a dar conselhos e crítica a Portugal e portugueses, e evitar que esteja sempre na memória que o correspondente em Paris de uma folha brasileira não é brasileiro. O país é muito ciumento (Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina, 02/07/1884).

É preciso relativizar as confissões de Mendes, que se valeu de suposta fala de outrem para advertir Pina, observação que se afigurava muito mais justas para o diretor da revista do que para o correspondente. De toda forma, é curioso que a cobrança recaísse somente sobre ele, jovem e que ocupava uma posição mais relativamente modesta no campo intelectual

fosse brasileiro ou português. Ao contratar europeus como correspondentes, a *Gazeta* assumia esse risco, como bem observou Miné (2000, p. 20) em relação à Eça, ponderação igualmente válida para Guilherme de Azevedo e Mariano Pina:

Eça, correspondente de um jornal brasileiro, não poderia nunca estabelecer aproximações, ou apontar as diferenças, com a nossa realidade que nunca conheceu bem. Por isso mesmo, evidenciava-se nas suas colaborações como correspondente, que é Portugal que está sempre pelo avesso o Brasil é uma entidade remota, vaga, esparsamente referida.

No caso de Pina, não se pode esquecer as relações comerciais que estabeleceu com Elísio Mendes e sua *Ilustração*, publicação na qual o proprietário da *Gazeta* sempre figurou como investidor oculto, o que deu ao diretor a chance de levar os créditos intelectuais pelo empreendimento. Em fins de 1885, Mendes retirou-se da *Ilustração* e o nome de Mariano Pina passou a figurar na portada do periódico como diretor-proprietário, sem que se possa precisar em que termos ocorreu o afastamento de Mendes, mas não é improvável que as relações tenham ficado estremecidas. E, de fato, não tardou muito para que o correspondente fosse afastado da *Gazeta* por meio de carta formal e lacônica, remetida de Lisboa por Mendes em março de 1886: “Exmo. Sr. Mariano Pina: Atendendo a conveniência da administração da *Gazeta de Notícias*, de que V. Exa. tem sido correspondente, em Paris, fica este cargo suprimido no fim do corrente mês” (Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina, 23/03/1886).

Além dessa missiva, o espólio guarda outra, escrita por Ramalho Ortigão em 31 de março, a quem Pina solicitou ajuda. O escritor deve ter procurado Mendes, que se encontrava em Lisboa, e o máximo que conseguiu foi que a *Gazeta* pagasse o equivalente ao retorno do correspondente a Portugal, desejasse ou não voltar ao país. É curioso que os termos tenham sido acertados entre Ramalho e Mendes, tanto que coube ao primeiro remeter a ordem de pagamento. Discreto, limitou-se a dizer que Elísio “motiva a sua demissão numa série de pequenas queixas relativas a questões econômicas, extraliterárias, em que me parece melhor não intervir (...). Sintto bem não ter podido chegar a uma solução mais satisfatória intervindo como dedicado camarada na sua questão” (Carta de Ramalho Ortigão a Mariano Pina, 31/03/[1886]).

O último “Correio de França” remetido por Pina trouxe a data de 19 de março de 1886 e foi publicado nos dias 13 e 14 de abril de 1886. Terminava, de forma abrupta, a colaboração de Mariano Pina na *Gazeta de Notícias*. A sua saída foi comunicada aos leitores em 10 de junho, em termos pouco precisos, pois os proprietários do jornal tinham ciência que Mariano Pina continuava a residir na capital francesa:

O nosso correspondente em Paris, o Sr. Mariano Pina, teve de retirar-se para Lisboa, o que nos priva da continuação dos serviços que durante quatro nos prestou e que ainda uma vez agradecemos. Para o substituir, pedimos e obtivemos a colaboração do Sr. Émile Deleau (*Gazeta de Notícias*, 10/06/1886, p. 1).

E, de fato, no dia seguinte, ressurgia o “Correio de França”, remetido de Paris a 19 de maio de 1886 e assinado pelo novo correspondente.

4. Temáticas abordadas

Ao longo dos anos que foi correspondente, Pina remeteu mais de uma centena e meia de textos para a *Gazeta*, sendo que a distinção entre os informativos e os literários, tal como inicialmente lhe fora proposto, acabou por não se efetivar. A leitura do conjunto, ou seja, do “Correio de França” e dos poucos textos publicados fora desta seção, indicou que a diferença residia menos na forma do que na temática, com os últimos consagrados a um só assunto, conforme se observa na Tabela n. 2, enquanto os demais tratavam, quase sempre, de questões variadas, numa mescla que incluía eventos políticos, problemas econômicos, disputas coloniais, vida social, personagens ilustres, descobertas científicas, produção literária, espetáculos teatrais e exposições dos mais variados gêneros, escândalos, curiosidades e fatos inusitados ou peculiares. Ao lado dos temas que o correspondente não podia ignorar, sob pena de levantar a ira dos proprietários da *Gazeta*, preocupados em fornecer um panorama detalhado da situação europeia e sempre tendo em vista o que outros jornais da capital do Império publicavam, havia um largo espectro que ficava a cargo da sensibilidade e do senso de oportunidade de Pina, que fazia escolhas diante de um imenso rol de possibilidades.

Para bem executar sua tarefa, era preciso considerar o interesse, o horizonte de espera e as características de leitores de um país localizado do outro lado do Atlântico, país este que Pina não conhecia, o que resultava em posição duplamente estrangeira: um português que, pela primeira vez, tomava contato direto com a França e que deveria dar conta do que aí se passava para assinantes de um jornal brasileiro, que se definia como popular. Versado na escrita para periódicos, Pina adotou o tom coloquial que interessava à *Gazeta* e desde logo estabeleceu diálogo direto com os destinatários, estratégia que tinha em vista singularizá-los e instituir aproximações que convidavam ao compartilhamento de opiniões e vivências. A título de exemplo, veja-se o seguinte trecho, relativo à chegada do ano de 1885:

Deste velho continente em que me acho, do silêncio deste meu quarto, nem sequer perturbado pelo ruído de uma carruagem que se perca ao longe no labirinto parisiense — porque a neve cai e é imenso [o] colchão cobrindo as ruas da cidade, ao pé deste bom fogão, meu único companheiro nessas longas e frias noites de inverno, envio para o outro lado do oceano as mais sinceras boas festas a todos quantos me leem e a todos quantos me estimem. O ausente manda as boas festas à sua família — os seus leitores. E porque não há de ser uma família, a nossa família? (...) Porque não há de ser cada leitor o indivíduo que se estime bem no fundo da nossa alma? (...) Não será para este anônimo, para este indivíduo, que nós desconhecemos, que não sabemos nem como se

chama, nem a que sexo pertence, nem onde mora, nem o que faz — não será exclusivamente para ele que nós procuramos o pitoresco pelo mundo, a curiosidade, o último acontecimento, o fato do último instante? ... Não serão para ele as melhores sensações do nosso espírito, a mais bela frase que trabalhamos a custo ou que nos saiu espontânea dos bicos da pena, — tudo, enfim, quanto o nosso cérebro, o nosso coração e a nossa alma pensa, formular, resolve e manda escrever sobre um pedaço de papel?! (...) O leitor é o nosso confidente, o nosso amigo, aquele a quem dizemos tudo — tudo quanto vimos e observamos pelo mundo, tudo quanto nos provocou um sorriso ou nos provocou uma lágrima. Não há alegria de que ele não seja informado, nem desdém, nem estima, nem admiração, nem ódio pelos homens e pelas coisas que encontramos na nossa estrada, de que ele não seja o confidente imediato e absoluto.

É, portanto, a ESSE que eu hoje envio as boas festas pela chegada do novo ano (...). A ti, meu amigo, de longe eu te saúdo! (Pina, 06/02/1885, p. 1, grifos no original).

É significativo o contraste entre a alegre convivência associada ao final do ano e a solidão do correspondente, cujos esforços tenazes, segundo confessou, orientavam-se para a satisfação de seus leitores, paradoxalmente tão desconhecidos e tão próximos. Pina saudou o “amigo distante”, que o acompanhava pelas páginas da *Gazeta* e em relação ao qual atuava como um mediador, com vistas a tornar familiar uma realidade desconhecida e da qual ele era testemunha ocular. Tratava-se de informar, analisar e instruir, mas também distrair e seduzir, para o que ele mobilizava os diversificados protocolos do gênero crônica, que incluíam a subjetividade, a inventividade e a digressão.

Sua matéria prima eram os diversos matutinos e vespertinos franceses, a começar pelos eventos que ocupavam as manchetes e os artigos de fundo, eventos esses que já haviam sido sumariamente comunicados aos quatro cantos do mundo pelo telégrafo. Os leitores acabavam por se familiarizar com os títulos parisienses e suas posições políticas — *Le Figaro* (1826), *Le Pays* (1849-1914), *L'univers* (1867-1919), *Le Galois* (1868-1926), *Le Cri du Peuple* (1871-1922), *La République Française* (1871-1924), *Le Gil-Blas* (1879-1940), *L'Intransigent* (1880-1948), *L'Écho de Paris* (1884-1942), *Le Matin* (1884-1944), para ficar nos recorrentemente citados. Esperava-se que Pina não se restringisse à política e ele não se furtou a comentar eventos literários, culturais e esportivos, a cena teatral e tudo o que o deambular pela cidade — suas ruas, bulevares, jardins, cafés e teatros — sugeriam ao observador atento, imerso numa miríade de sensações e de acontecimentos cuja experiência direta oferecia um inventário diversificado, mote dos mais ricos para a composição das correspondências, que apresentavam/transportavam o leitor para o cotidiano parisiense.

A análise das suas colaborações revela a recorrência de alguns conjuntos temáticos: a política francesa e suas figuras centrais, personalidades das mais diversas áreas, o mundo da cultura e a cidade de Paris. A análise desses tópicos, fizessem referência a grandes acontecimentos ou minudencias do dia a dia, recebessem tratamento descritivo ou tom judicativo,

permitem identificar valores e crenças de Mariano Pina, subscritos pelos proprietários da *Gazeta* e compartilhados com os leitores brasileiros.

5. Em torno da política

A política estava entre os assuntos incontornáveis, era preciso seguir de perto os debates na Câmara e no Senado e suas figuras proeminentes, as disputas partidárias, as crises e trocas ministeriais, as eleições, as relações internacionais e as decisões do Presidente da República, enfim tudo o que movimentava o cenário francês. O fluxo das notícias era cadenciado pela abertura e fechamento das casas legislativas, daí a constante preocupação de informar acerca do encerramento e início dos trabalhos: “Está em férias o parlamento. Fechou no dia 19 de março e só as reabrirá no dia 19 de abril. Estaremos livres durante um mês da questão entre a direita e a esquerda, entre a Câmara e o Senado” (Pina, 15/04/1883, p. 1), o que deixa transparecer certo alívio, pois com o descanso da política ele poderia concentrar-se em questões de outra natureza, que por certo lhe tocavam mais de perto.²⁰

Independentemente do apreço que tivesse pelo tema, não bastava fornecer um resumo frio dos últimos acontecimentos, ou da falta desses,²¹ era necessário dotar-lhes de algum colorido, para o que Pina recorria a digressões. Assim, por exemplo, à longa descrição da cidade coberta de neve, do azul profundo do céu, da alegria e prazer que tomou conta dos parisienses em 27 de janeiro de 1885, enlevados pela paz da neve, o correspondente contrapôs o dia seguinte: “No dia 28 tudo mudou. Desapareceu o frio para aparecer uma chuva terrível, e depois uma ventania medonha, como poucas vezes aparece em Paris. Muitos toldos rasgaram; milhares de chapéus pelos ares. Caíram algumas pobres chaminés e caiu o ministério Duclerc” (Pina, 13/03/1883, p. 1), ou seja, o fato em si vinha envolto em toda uma ambiência

20 Vejam-se outras passagens no mesmo sentido: “Finalmente, posso bojo escrever uma crônica de Paris sem ter a obrigação fatal de me sujeitar aos acontecimentos da política. Poucas vezes um cronista é tão feliz em toda a sua vida! Eu neste momento rejubilo” (Pina, 12/09/1882, p. 2) e “Chega a quadra [férias de verão] em que todo o correspondente de Paris deixa de ser noticiário, abandona o seu papel de pregoeiro dos acontecimentos, e se quiser ter assunto, tem de ir procurar para as feiras dos arrabaldes, ou para as margens do Sena, ou para os hipódromos ou então para as portas dos museus, esperando o belo estrangeiro que chega de guia aberto, para admirar ou a *Onda* de Coubert, no Luxemburgo, ou a *Vênus de Milo*, no Louvre. Está chegada a deliciosa quadra em que o correspondente, em férias de noticiário, pode fazer um bocadito de literatura. Vou ver se escrevo quanto antes a minha prosa dos momentos de independência!” (Pina, 10/06/1883, p. 2).

21 Veja-se o exemplo: “É com o coração retalhado pela mais aguda das dores, que eu tenho de declarar àqueles que amam as notícias políticas — que desta vez lhes não ofereço nem mesmo uma colher do manjar que tanto apreciam. Não lhe forneço absolutamente nada! ... Isso não quer dizer que a política francesa esteja dormindo sono mais profundo ainda do que aquele que dormiu o pai Adão quando o Criador lhe arrancou a tal costela que tem dado que falar. Ai! Não! ... A política francesa não dorme neste momento. Estejam sossegados os meus caros senhores. Mas nada tem havido de importante que possa merecer a atenção de um leitor que se acha separado do seu correspondente por uma viagem de mais de vinte dias” (Pina, 07/05/1883, p. 1).

na qual a inclemência do tempo culminava com a ida pelos ares do gabinete, acontecimento de grande relevância.

O correspondente deixava transparecer sua admiração pelos republicanos e por figuras como Léon Gambetta, reservando-lhes comentários positivos e criticando monarquistas e radicais. Movimentos de trabalhadores, fossem *meetings* ou greves, eram invariavelmente condenados e associados a anarquistas e socialistas, tomados de maneira indistinta. Depois de reproduzir a íntegra de um panfleto que convocava uma reunião de operários para 8 de março de 1883, caracterizou os organizadores como “cavalheiros anarquistas exaltados e mais ou menos filiados na Internacional; depois disto explicado poderão os meus leitores começar a compreender qual a razão porque a polícia tomou as mais sérias precauções”. Na sua perspectiva, as medidas de repressão eram plenamente justificadas, afinal, o que se enfrentava eram militantes perigosos, mais ou menos (?) pertencentes a entidades que lutavam contra a ordem estabelecida, o que tornava urgente proteger a cidade contra os que pretendiam “agitar a bandeira vermelha da pilhagem, do incêndio, do assassinato pelas ruas de Paris, como já o fizeram no tempo da Comuna” (Pina, 12/04/1883, p. 1).²² É bastante eloquente a maneira como o correspondente contrapunha, para leitores brasileiros imersos nos debates sobre o fim do regime escravista e a necessidade de mão-de-obra estrangeira, as disputas entre patrões e operários na França:

O operário considera a oficina onde trabalha, onde está assalariado, como propriedade sua, e o patrão como um déspota, que é necessário ou aniquilar ou pôr no meio da rua aos encontrões. O patrão não tem o direito de dizer:

— Eu não posso, ou eu não quero dar senão tanto por dia e exijo em troca desta soma tantas horas de trabalho.

Alto lá! É o operário que tem o direito de falar:

— A oficina é a nossa casa. Nós queremos trabalhar apenas tantas horas por dia e queremos que o senhor nos pague tanto! (...)

De modo que um industrial que edifica, organiza e monta o seu atelier à custa da sua inteligência, do seu trabalho e do seu dinheiro, que abre as portas de par em par para receber centenas de empregados, a quem via dar de comer — é que há de receber imposições dos sujeitos que estão ao seu serviço! (Pina, 15/02/1884, p. 2).

22 Na mesma direção: “Não sei se lhes deva dizer que destes *livres-pensadores* de que Paris está infestado, eu tenho mais medo do que de um bando de peles vermelhas aguçando os dentes para me devorarem em família num recanto sossegado e longínquo da floresta! O *livre-pensador* em Paris é o anarquista, é o desordeiro, é o aventureiro que excita a todas as irreverências, a todas as rebeliões, a todas as revoltas. Infelizmente para Paris e para a França que estes sujeitos se contem por aqui aos milhares (...). Por enquanto são eles os promotores das greves, dos *meetings dos que tem fome*, das reuniões públicas contra o *infame capital* e contra o *infame burguês*” (Pina, 13/05/1884, p. 1-2, grifos no original).

E o texto prosseguia lamentando que a política tivesse entrado nas oficinas, o que equivalia a criticar o direito de voto masculino universal: “O meu sapateiro tem mais empenho em assustar [Jules] Ferry [1832-1893, presidente do Conselho de Ministros] com um voto, do que em me fazer bem feito o par de sapatos que ontem lhe encomendei”. Compreende-se sua indignação com a eleição, em fins de 1885, de uma banca de deputados provenientes das lideranças operárias, o que lhe rendeu polêmica com a imprensa em língua francesa publicada no Rio de Janeiro (Batalha, 2009, pp. 161-173).

Mariano Pina também se mostrou bem pouco tolerante em relação às tentativas das mulheres de se fazerem presentes no espaço público. Um trecho eloquente, que apresenta argumentos retomados em diversas ocasiões, refere-se às já citadas eleições de 1885. O correspondente distinguiu dois grupos de mulheres: o que lutava para ter acento no parlamento e aquele que se sentia representado por candidatos homens. Depois de explicitar sua simpatia pelo segundo, não hesitou em caracterizar o primeiro com um misto de ironia e forte agressividade, como se vê na caracterização do primeiro grupo, que seria formado por

(...) mulheres honestas porque são feias, porque nunca nenhum homem olhou direito para elas; as mulheres que ficaram para tias (...). São estas que compõem o grupo das mulheres que proclamam “guerra ao homem!” — porque nunca encontraram um homem que lhes dissesse uma frase de amor. Não se trata de política, trata-se de despeito (...), não passam de histéricas insofridas, de mulheres que nunca foram mulheres. Odeiam os homens, não por serem homens, mas por nunca os terem possuído. Não são fenômenos sociais, são fenômenos patológicos. Não é para um parlamento que elas devem ir — é para um hospital! (Pina, 26/10/1885, p. 2).²³

A teoria da feiura e do ressentimento ensaiada por Pina nem sempre se ajustava à realidade. Assim, a despeito de caracterizar as militantes anarquistas Louise Michel (1830-1905) e Fernande d’Erlincourt (1861-1919) de “histéricas, visionárias e desvairadas”, defensoras da Comuna e apologistas do fim da propriedade privada, reservava para a primeira o adjetivo horrenda, mas reconhecia na segunda grande beleza e simpatia, o que o obrigava a supor que Fernande fazia política por ser “chique” e que ela era “uma romântica cheia de visões e ideais irrealizáveis” (Pina, 12/04/1883, p. 2), ou seja, não se tratava de uma verdadeira militante, mas de uma ingênua sonhadora.

23 Ao comentar a presença feminina nas galerias da Câmara dos Deputados, o que requeria horas de espera para obter uma senha de ingresso, Pina declarou: “A mulher em França está se preocupando muito com a política. E não eram todas feias, havia até algumas lindíssimas. Compreendo a mulher feia assestando o binóculo para as barbas grisalhas do Sr. [Charles] Freycinet [1828-1923] e tendo ouvido apurado para receber lá dentro as frases demoradas do ministro francês (...). A mulher feia é sempre a mais prática, a mais positiva, a mais trabalhadora — porque odeia o espelho. Nunca olha para ele! Daí a necessidade de distrair o espírito com outros misteres mais másculos... Mas a mulher bonita, a fazer cauda à porte da Câmara (...) é tudo quanto há de mais triste!” (Pina, 25/08/1882, p. 2).

Pina registrava de forma vivida as escaramuças entre operários e as forças da ordem e as reivindicações feministas, isso porque tinha a chance de presenciar tais eventos, situação bem diversa quanto o assunto eram as questões coloniais, que agitavam não apenas a França mas toda a Europa, pois ele estava restrito ao material publicados nos jornais. Nesses casos, não era raro que suas correspondências assumissem tom mais monótono, com a reprodução de telegramas e de detalhes das expedições, tratados e batalhas, como ocorreu em relação às tensas relações entre franceses e chineses por conta do domínio do Tonquim (norte do atual Vietnã), fonte de intermináveis debates no mundo político e que culminou, em março de 1885, com a queda do gabinete chefiado por Jules Ferry. Importa destacar o apego aos detalhes, a forma sempre depreciativa como os inimigos da França foram representados e a superficialidade da análise, como se as disputas no sudeste asiático dissessem respeito apenas à honra nacional.

Ainda que em suas correspondências o dia a dia da política ocupasse significativo espaço, há indícios suficientes para afirmar que era esse o preço a pagar para representar a *Gazeta* em Paris e poder participar da vida febril e mundana em torno de bulevares, cafés, teatros, salões de arte, exposições e lançamentos editoriais. Em 1885, quando já completara três anos na cidade, exultou ao informar que eram as estocadas contra os naturalistas que dominavam a agenda: “Paris renasceu para a sua verdadeira vida, para tudo quanto constitui uma crônica de jornal, uma conversa de salão, uma discussão de café (...). Decididamente, a política não é, nunca foi, nunca há de ser um acontecimento parisiense” (Pina, 29/11/1885, p. 1), o que bem expressa suas preferências, ancoradas numa visão sempre positiva e ingênua da França como único centro de cultura:

O que faz com que amemos e respeitemos a França, é exatamente esta sua maravilhosa superioridade intelectual; o modo como ela nos encanta e nos seduz com o brilho do seu espírito, representado em todas as variadíssimas manifestações das artes, das letras e das ciências... A Alemanha e a Inglaterra, os outros dois grandes países da Europa, em nada nos encantam, porque nada nos interessam (Pina, 05/06/1885, p. 2).

6. Figuras de destaque

Pina sentia-se muito mais à vontade quando tratava de personagens de relevo, mesmo que pertencessem ao mundo político. Era nessas ocasiões que seu texto aproximava-se da reportagem, como se observa, por exemplo, nos vários “Correio de França”, e em colaboração publicada fora desta seção, dedicados a Léon Gambetta. O correspondente da *Gazeta* obteve apresentação para um dos médicos que acompanhava a convalescência do político em Ville d’Avray, nos arredores de Paris. A romaria diária em busca de notícias iniciava-se na estação

Saint-Lazare, com embarque no trem que se dirigia a Versalhes, numa viagem de pouco mais de trinta minutos. O percurso ganhava interesse graças à descrição da cidade de Paris, com suas igrejas e monumentos que aos poucos desapareciam sob o ritmo cadenciado da locomotiva. O leitor era apresentado aos arredores da capital, as casas e seus jardins, a vegetação e a paisagem até a parada em Avray, nas proximidades da qual estava a propriedade de Gambetta. Antes de adentrar na residência, que nada tinha de elegante ou luxuosa, pelo contrário, destacava-se pela simplicidade da mobília, passava-se pela cavalaria, cocheira e casa dos criados.

Enquanto esperava para obter notícias do doente, cuja moléstia era cercada por especulações de diferentes ordens, Pina fornecia detalhes da biblioteca, com suas estantes altas e a rústica mesa de trabalho. Curioso quanto às leituras do tribuno, esforçou-se para divisar os títulos que repousavam por detrás dos vidros das estantes: “descobri obras de Molière, as obras de Rousseau, os volumes de Topin (...), das constituições europeias, uma grande variedade de livros de política e da história; toda a coleção antiga de Rabelais, etc.” (Pina, “Morte de Gambetta”, 28/01/1883, p. 1). O personagem, tão fundamental para a república, adquiria dimensões humanas, tornava-se próximo e familiar, o que por certo colaborava para prender a atenção do assinante da *Gazeta*.

Já por ocasião do passamento de Victor Hugo (1802-1885), a correspondência assumiu, ainda de forma mais explícita, o tom de reportagem, com os intertítulos compassados cronologicamente: a notícia da morte, toda a preparação para a cerimônia, a multidão que tomou as ruas de Paris e, finalmente, os atos fúnebres no Panteão, segundo a perspectiva de quem tudo acompanhou, viu e sentiu. É interessante notar a maneira como Pina referiu-se ao próprio texto — “Hoje, porém, as minhas notas vejo-as insuficientes, e se esta correspondência não vai ser um detestável trecho literário — será com certeza um ínfimo trabalho de *reportage*” (Pina, 25/06/1885, p. 1, grifo no original) –, o que revela a novidade do termo, ainda grafado em francês, a sutil hierarquia entre produção literária e jornalística, mas também o quanto as colunas dos jornais apresentavam-se como um espaço para a experimentação.

Outros falecidos, fossem indivíduos célebres internacionalmente ou menos conhecidos dos assinantes da *Gazeta*, eram igualmente evocados e mereceram extensos comentários. Sem pretensão de fornecer uma lista exaustiva, mencionem-se os jornalistas Jules Noriac (1827-1882) e Edmond About (1828-1885), o escritor Jules Sandeau (1813-1883), o ilustrador Gustave Doré (1832-1883), o pintor Édouard Manet (1832-1883), o músico Richard Wagner (1803-1883) ou o químico Charles Adolphe Würtz (1817-1884). Não eram apenas as personalidades que saíam de cena que povoavam as correspondências de Pina, mas também indivíduos que pontificavam na cena literária, Dumas Filho (1824-1895), Victorien Sardou (1831-1908), Emile Zola (1840-1902), Alphonse Daudet (1840-1897) e os acontecimentos na Academia Francesa (candidatos, disputas, eleições, cerimônias e discursos de posse); as estrelas do mundo do teatro e da música — Camille Saint-Saëns (1835-1921), Marie Van Zandt (1858-1919), Benoît-Constant Coquelin (1841-1909), Sarah Bernhardt (1844-1923) ou Anna

Judic (1849-1911) –; destacados cientistas, como Louis Pasteur (1822-1895), então celebrado pela cura da hidrofobia, ou o patologista alemão Heinrich Koch (1843-1910); os exploradores portugueses Hermenegildo Capelo (1841-1917) e Roberto Yvens (1850-1898), para fornecer apenas alguns exemplos do amplo painel de referências sobre a cultura europeia e, em especial, francesa, ofertado aos leitores do “Correio de França”.

Mas além de informar sobre os indivíduos e o significado de seus respectivos feitos, não se perdia de vista o tom pitoresco, como se verifica, a título de exemplo, na descrição de Émile Zola, que acabara de publicar, com grande sucesso e sob a forma de folhetim no *Le Gil-Blas*, o romance *Germinal*. Pina, admirador da literatura tal como praticada pelo escritor, não resistiu a descrever o personagem, que ele afirmou ter visto passar incógnito no burburinho da cidade:

A primeira coisa que impressiona em Zola, é o descuido da toilette. Anda sempre vestido de pano azul: um casaco enorme, mal talhado, com grandes algibeiras, onde mete um lenço, dois livros e meia dúzia de jornais; um colete fechado até ao pescoço, fazendo muitas pregas sobre o ventre, onde brilha uma corrente de ouro, destas correntes vulgares que se veem por toda a parte, de cujo modelo há aos milhares nas ourivesarias de exportação; calças largas, mas largas por igual, caindo desastrosamente sobre as botas de tacões tortos; o chapéu alto, o verdadeiro cano de chaminé, enterrado para a nuca; nas mãos um guarda-chuva de cabo de Mascotte, que faria as delícias da minha porteira (Pina, 04/04/1885, p. 1-2).

7. Em torno da cultura

A agitação do mundo da cultura era seguida de perto. No campo das artes, atenção especial era reservada ao famoso Salão de Paris, exposição anual de pintura e escultura realizada no Palácio das Indústrias, cuja organização, desde 1881, estava a cargo da Sociedade dos Artistas Franceses. O evento fornecia a oportunidade de acompanhar a participação, sempre modesta, de brasileiros e portugueses, tarefa que Pina cumpriu durante todo o período em que foi correspondente. Mas ele também brindava o leitor com detalhes acerca da quantidade de trabalhos aceitos, identificava os mais apreciados pelo público e as premiações do júri, pouco sensível às inovações, o que deu origem ao não menos visitado Salão dos Recusados, formado, segundo Pina, por “pintores intransigentes — *impressionistas, naturalistas, intencionistas, luministas*, etc. (...) Ser *recusado* constitui um título de glória, constitui uma *pose*” (Pina, 11/06/1884, p. 1, grifos no original), observação que fornece indícios de suas preferências estéticas.²⁴

²⁴ Por ocasião da morte de Manet, Pina considerou o pintor um rebelde que “estava neste período em que o talento de um artista revolucionário deixa de ser discutido e apedrejado pelos velhos rotineiros para ser aceito como talento

Paris abrigava gama diversificada de eventos, que estava longe de se resumir ao salão e suas polêmicas. Pina informava sobre as diversas exposições individuais de artes plásticas e decorativas, mas também se referia às consagradas aos alimentos e tudo que cercava o seu consumo, de móveis aos finos jogos de porcelanas, e à hortícola, que permitiu-lhe assegurar que os homens só se interessavam por legumes e frutas, analisados com ar circunspecto, enquanto as mulheres, sempre ruidosas e risonhas, concentravam-se nas flores, observação pueril, mas que reafirmava apreensões e valores socialmente consagrados ao feminino e ao masculino (Pina, 02/11/1883, p. 2). Ao comentar a exposição canina nos jardins das Tulherias, assegurou a preferência das parisienses pelos cães em detrimento dos gatos (!) e, mais especificamente, pelo *caniche* (poodle) que, no colo de uma mulher, constituía-se, na sua perspectiva, num símbolo de sensualidade, o que contribuía para alimentar a imagem de glamour, sofisticação e delicadeza das francesas. (Pina, 03/07/1883, p. 1)

As notas sobre as exposições permitem entrever juízos de valor, apresentados aos que se debruçavam sobre o “Correio de França”. Ao noticiar o concurso que premiaria o bebê mais robusto, sua mãe e a ama de leite, Pina ironizou o esquecimento do pai, mas expressou especial repugnância diante da prática de se exhibir crianças em público para serem examinadas como os cães e os presuntos das exposições caninas e de alimentos (Pina, 04/05/1884, p. 1). Contudo, mostrou-se muito menos chocado com os dois meses da “exposição” de índios Galibis, provenientes da Guiana e alocados no Jardim da Aclimação — “Todos os dias param diante deles mais de duas mil pessoas. As três horas da tarde não se encontra um lugar nos ônibus que vão para a porta Maillot (...). São as parisienses as que estão apreciando mais esta exposição de selvagens” (Pina, 12/09/1882, p. 2),²⁵ indício do grau de naturalização das noções de superioridade racial, civilização e barbárie.

No campo das artes, as mulheres tampouco contaram com o apoio e a simpatia do correspondente da *Gazeta*. Ao visitar uma exibição de pintoras, qualificou organizadoras e participantes de Louise Michel da arte, cujo objetivo era o de “banir o homem da política, da ciência, da arte e da literatura”, a fim de atestar sua inutilidade. No que respeita aos quadros, considerou a mostra “desastrosa, sem uma única obra que salve”, pois, na sua perspectiva, prevalecia “desordem, irreflexão, pinceladas mal estudadas e mal observadas. Há em todos indecisões, irregularidades, despropósitos Há em todos o espírito da mulher em desacordo com o homem” (Pina, 20/03/1883, p. 2), o que deixa poucas dúvidas quanto à sua intolerância e misoginia.

Os espetáculos teatrais, componentes fundamentais do mundo da cultura, estavam

de primeira ordem”. Ele esclareceu que, dentre os discípulos, “nenhum deles poderá continuar a obra do mestre. Os *impressionistas* são todos mediocres; como mediocres são também os que se apregoam discípulos de Zola” (Pina, 25/05/1883, p. 1).

25 Diga-se a seu favor que ele chegou a perguntar quem observava ou era observado e ponderou: “Muito se devem ter rido à custa dos parisienses os bons *Galibis!*...” (Pina, 12/09/1882, p. 2),

entre os eventos sempre referidos. Os leitores da *Gazeta* eram informados sobre as características das casas de espetáculo, as peças em cartaz, seus autores, os artistas que lhes davam vida, os cenários, a indumentária, a recepção por parte da crítica, ao que Pina acrescia sua opinião pessoal, que nem sempre coincidia com a dos colegas franceses. Assim, os que acompanhavam sua correspondência, estavam familiarizados com a dinâmica do mundo teatral que, tal como o parlamento, também tinha seu ritmo, pois permaneciam fechados no verão, quando as salas tornavam-se insuportavelmente quentes, para reabrirem no outono, com as novidades da temporada.

Muitas das peças de sucesso em Paris também eram encenadas no Rio de Janeiro, daí o interesse em conhecer os espetáculos parisienses e sua recepção por parte do público e dos críticos. Pina adiantava as novidades, como se observa na oportunidade em que, depois de comentar todo o cardápio de encenações à disposição do público parisiense, concluiu seu “Correio de França” com uma “boa notícia” para os leitores: “*Droit d’ainesse* é uma opereta engraçadíssima, em três atos, que está sendo agora o sucesso de Paris. Posso afirmar-lhes que no Rio a verão em breve. Está sendo traduzida por Artur Azevedo [1855-1908] que se acha atualmente em Paris” (Pina, 13/03/1883, p. 2). Ainda mais sedutora era a informação de que a diva do teatro, Sarah Bernhardt, que em 1884 subia ao palco como *Lady Macbeth*, em tradução do poeta Jean Richepin (1849-1926), pretendia realizar turnê pela América do Sul, com passagem pelo Rio de Janeiro, talvez no verão de 1885, o que de fato ocorreu no ano seguinte. Evidencia-se a internacionalização das companhias, mas também dos textos teatrais, tanto que, ao citar o tradutor, Pina fez questão de assinalar que o drama de Richepin, *La Glu*, fora encenado na capital do Império com tradução de Henrique Chaves, figura de proa na *Gazeta* (Pina, 18/06/1884, p. 2).

Por vezes, a correspondência ultrapassava a nota informativa e se aproximava do ensaio, como foi o caso do texto alocado fora da seção “Correio de França”, no qual Pina não apenas deu a conhecer os detalhes da encenação, mas analisou o significado da peça de Victor Hugo, *Le roi s’amuse*, reencenada com grande sucesso cinquenta anos depois do escândalo de sua primeira montagem, proibida pela censura logo após a estreia. Em tom pedagógico, ele esclareceu o significado da apresentação de 1832, quando o Romantismo lutava para se impor no campo literário e o texto cumpria a função de apresentar o novo, situação bem diversa do tom celebrativo de 1882, quando Hugo já estava entronizado no cânone literário (Pina, 26/12/1882, p. 1), indício do papel formativo cumprido pelo correspondente.

Pina tampouco se furtou a dar conta dos folhetins de sucesso, dos lançamentos editoriais, das disputas estéticas. Suas correspondências raramente deixavam de mencionar escritores e tecer considerações sobre a produção mais recente, tanto que Balzac (1799-1850), Flaubert (1821-1880), Théodore de Banville (1823-1891), Catulle Mendès (1844-1909), Guy de Maupassant (1850-1893), Eça, Hugo, Zola, Daudet eram constantemente evocados. Combateu com ardor aqueles que atacavam Zola, esforçando-se por distinguir entre a sua obra e a dos muitos

imitadores, que resvalavam na obscenidade. Insistia no critério da originalidade e da sinceridade, independente de rótulos, conforme se observa no excerto de correspondência em que analisou detidamente a questão e na qual ensaiou critérios para avaliação das obras literárias:

Ser *parnasiano*, ser *romântico*, ser *realista* de caso pensado, porque os outros também o são; escrever, não como lhe ordena o seu espírito, mas como a moda proclamou na véspera; ter o estilo que os outros têm, fazer frases como os outros fazem; dialogar como os outros dialogam; não é literatura, é fãncaria, é abdicar de sua personalidade — é deixar de ser homem! (Pina, 27/02/1884, p. 1, grifos no original)

8. No ritmo de Paris

Não há exagero em afirmar que Paris constituía-se em personagem fundamental das correspondências de Mariano Pina, que nunca escondeu sua admiração quase religiosa pela cidade, como atesta a evocação de seus monumentos e ruas: “O Paris das fantasias vermelhas e dos romances do Balzac! O bulevar dos Italianos! A Ópera! A apregoadada escada da Ópera! A Notre-Dame e a cúpula dourada dos Inválidos! O Sena e as louras filhas da Paris” (Pina, 28/10/1883, p. 1), o que remete para uma atmosfera próxima do onírico. Parte dessa admiração, *un peu naïf*, estendia-se ao parisiense, cuja residência era, segundo assegurava, ornamentada com tal gosto que a tornava, a um só tempo, “confortável, elegante e distinta”, pois ele “arranja o seu ninho com tamanha originalidade que cada parisiense parece ter dentro de si a alma de um verdadeiro artista. Nunca perco a ocasião, todas as vezes que ela se me proporciona, de entrar na sala de um parisiense” (Pina, 11/05/1883, p. 1).²⁶

Note-se que suas observações diziam respeito ao *Tout-Paris*, que ele teve ocasião de caracterizar quando descreveu a audiência presente a um leilão de autógrafos de Alfred Musset (1810-1857): “Além dos escritores e artistas, uma multidão desconhecida, de tipos de homens corretos e finos, e de tipos de mulheres bonitas e elegantes. É a isto que os jornais chamam, na sua linguagem pitoresca e palaciana, o *Tout-Paris* dos bulevares” (Pina, 07/05/1883, p. 1). Creditava-se ao *Tout-Paris* a invenção dos modismos, a exemplo do termo *pschutt*,²⁷ a consagração de

26 Pelo menos numa oportunidade, quiçá resultado de experiência pessoal desagradável, Pina criticou a arrogância do parisiense, que sempre se sentiria, segundo afirmava, desconfortável diante de estrangeiros que falavam o “seu francês” e lembravam-lhe que o planeta não se limitava ao panorama abarcado a partir do Arco do Triunfo (Pina, 30/12/1883, p. 2).

27 O termo, que tomava o lugar de *gratin*, *chic* e *gomme*, foi apresentado como a invenção parisiense mais recente, “a palavra tem dois dias”. Entre vários exemplos de seu sentido, Pina mencionou: “O visconde Reinaldo, do *Primo Basílio*, por exemplo, é um homem que tem muito *pschutt*; mas quem não tem *pschutt* mesmo nenhum é o tal conselheiro Acácio!” (Pina, 10/03/1883, p. 1). O leitor também foi instruído sobre o uso e significado de *cocote* e *gommeux*, então em voga (Pina, 19/11/1884, p. 1).

determinados restaurantes e cafés, a definição de tendências, hábitos e práticas que configuravam a vida mundana, ritmada pelas estações do ano, e era justamente essa a Paris referida no “Correio de França”, como se a capital não contasse com habitantes e áreas pobres.

Pina instalou-se na cidade em meados de junho, pouco depois do *Grand Prix*, corrida realizada no hipódromo de Longchamp no primeiro domingo do referido mês e que assinalava o início das *toilettes* de verão, estação caracterizada pelo deslocamento para as praias e regiões campestres do *Tout-Paris*, comparado a “um bando de pardais que levanta voo de um beiral de um telhado e vai espalhar-se sobre um campo de trigo, assim o bando dos parisienses se espalha e se dissemina sobre a carta geográfica da França” (Pina, 16/07/1883, p. 1), com destaque para as cidades balneárias — Dieppe, Trouville, Étretat, Arcachon, Biarritz. Suas correspondências assinalavam o adormecer das atividades na capital, uma vez que os responsáveis pelos acontecimentos cediam lugar aos estrangeiros, sobretudo ingleses, e ao calor insuportável: “Começamos a estar em pleno calor. Ontem 25, hoje 28 graus. Do meio-dia às 4 horas é impossível andar pelas ruas. Sente-se diferença no movimento dos bulevares (...). Há calor — mas não há ar. Sua-se e não se respira” (Pina, 14/08/1882, p. 2).

Os café-concertos dos Campos Elísios, por seu turno, animavam-se: na companhia de uma bock, “toda a gente faz coro com os cantores, entoando os refrãos das cançonetas mais petulantes (Pina, 31/07/1882, p. 2),²⁸ enquanto aos domingos eram os que haviam labutado toda a semana que povoavam as margens do Sena, com os passeios e piqueniques sobre a relva em Asnières, Bougival, Billancourt ou Chatou. O verão também era a estação das regatas, a exemplo da realizada entre Sèvres e Meudon.

Em setembro, os teatros reabriam e, ao longo do mês, os visitantes começavam a retornar aos seus países, enquanto o *Tout-Paris* organizava as malas para retornar. Não se tratava de simplesmente fornecer esses dados, mas de recriar a visualidade, as sensações táteis que vinham com o outono. Vale acompanhar as suas considerações, que guardavam o tom das confidências:

Quando setembro chega, chuvoso, coberto de céus tristes e acinzentados, trazendo noites frias, nuvens negras como esta tinta com que te escrevo, bom leitor, outras azuis vibrantes de um luar puro, sem uma estrela no céu em cujo fundo de lápis-lazúli os prédios altos desenham a traço negro e profundo os seus telhados eriçados de chaminés; quando setembro nos faz tirar do cabide o pardessus, se levanta a gola para aconchegar as orelhas e se vê os asfaltos espelhados pela chuva, onde o gás alastra claridades vibrantíssimas — os teatros abrem todos, e nas colunas dos anúncios vêem-se os cartazes de várias cores mostrando títulos de peças novas. Então, meu caro, começa a

28 — Veja-se a vívida descrição: “O café concerto, esta sala coberta de mesas, onde os frequentadores, de chapéu na cabeça, bebem, fumam e cantam acompanhando em coro os artistas que estão sobre a cena pequena e acanhada — o café concerto é um bocado de Paris, tão parisiense como o Bosque de Bolonha” (Pina, 05/12/1883, p. 1).

poderosa sinfonia de abertura da grande ópera, que tem por título pomposo — O inverno de Paris! (...) E pelos bulevares, as belas árvores, há um mês ainda tão frescas, tão viçosas, tão opulentas de seiva, vão descorando pouco a pouco, e as folhas caem desfalecidas pelos trottoirs, como belas esperanças que se evolvem para nunca mais voltar! (...) Mas o inverno vai chegar quanto antes, e Paris vai ter a sua vida própria. É necessário que daqui a dois meses esteja gelado o Sena para as parisienses patinarem! É necessário que daqui a dois meses os trenós dourados desçam vertiginosamente os Campos Elísios, fazendo ouvir as suas campainhas de prata! (Pina, 26/09/1882, p. 2).

É bem provável que suas descrições contribuíssem para estimular a imaginação do leitor, privado, num país tropical, da experiência da neve e das transformações que a proximidade da “grande estação” aportava para a cidade, a começar pela ambiência das ruas, tão vividamente referidas. O outono era o tempo de animados passeios de final de tarde pelo Bosque de Bolonha, quando os transeuntes tinham a chance de se deparar com “tipos encantadores — cabeças loiras, delicadas, de linhas suavíssimas, como se fossem copiadas das pastorinhas de porcelana de Saxe” (Pina, 27/10/1882, p. 2).²⁹ Contudo, Pina asseverava que era com a chegada do frio que a cidade adquiria sua verdadeira feição. Interrompiam-se as corridas em Longchamp, as lojas acendiam seus candeeiros no início da tarde e, não sem carregar nas tintas para tornar verossímil o argumento, o cronista esforçava-se por transmitir a efervescente atmosfera da capital:

As livrarias enchem-se de livros novos, as salas de exposição enchem-se de quadros a óleo, de aquarelas, de desenhos e de esculturas, nos escritórios dos teatros entram todos os dias peças novas, nos grandes armazéns como o Louvre, o Bon Marché e o Printemps, todos os meses se renovam as mercadorias, a indústria de article de Paris todos os dias, todas as horas, expõem uma novidade (...). É no inverno que se tem os melhores romances, é no inverno que se veem as melhores peças, é no inverno que em Paris a vida se torna elegante e distinta; é no inverno até que temos as melhores audiências, como é no inverno que se tem os melhores roubos e que comentem os maiores crimes! (...). No inverno há mulheres bonitas, há soberbas carruagens, magníficos cavalos, deslumbrantes corridas; no inverno (...) Paris tem a sua verdadeira feição de terra elegante, trabalhadores e frívola: quando o fogão está aceso e o termômetro está abaixo de zero, toda a cidade vive uma outra vida, uma vida ativa e nervosa, que produz as grandes obras, como também os grandes disparates! Nem tudo pode ser perfeição no mundo (...). (Pina, 24/03/1883, p. 1)

29 Outro exemplo de sua admiração pelas francesas: A verdadeira parisiense, esta mulher tão magra e tão elegante que possui as linhas mais belas da moderna estatuaría; esta mulher anda corre, voa; que atravessa por entre dois carros cujas rodas se tocam como uma enguia por entre os dedos de um hábil pescador; que percorre os bulevares e a Avenida da Opera em dez minutos, tendo examinado o último modelo de chapéus, tendo visto a última novidade em joias, tendo lido os títulos de todos os romances que apareceram na semana, tendo folheado todos os jornais ilustrados, e tendo entrado na Posta Restante em busca de uma carta com iniciais misteriosas” (Pina, 30/12/1883, p. 2).

Fonte e lagos congelados, colchão de neve que silenciava o trotar dos cavalos e esbranquiçava os telhados, clima que, paradoxalmente, “centuplicava o movimento nas ruas. Chega a ser um prazer, quase uma sensualidade, dar encontros e receber encontros. Aquece-se”. (Pina, 30/12/1883, p. 2) e que tinha seu ápice nas proximidades do Natal, o que oferecia a oportunidade de discorrer sobre decoração das lojas, o corre-corre nos bulevares, a busca pelos presentes e os lançamentos editoriais voltados para as crianças.

Raras vezes vislumbrava-se a outra Paris, operária, pobre e insalubre, destituída de construções elegantes e onde os cafés eram substituídos pelos *assomoirs*, com seus balcões de zinco. A inclemência do inverno obrigava os mais vulneráveis, sem recursos para a lenha ou o carvão, a procurarem as igrejas para se aquecerem. Informações dessa natureza, que figuravam com extrema parcimônia, acabavam por soçobrar na avalanche de referências a uma Paris escoimada das contradições que perpassavam o mundo urbano em prol da cidade desfrutada pela burguesia triunfante.³⁰

E o ciclo fechava-se com a chegada da primavera: “despem-se os veludos das *toilettes* de inverno, deitam-se para o canto as peliças. Paris vai se espanejar ao sol!” (Pina, 15/04/1883, p. 2). Em meados de março, o hipódromo de Longchamp reabria e as corridas entravam na ordem do dia. Os artistas, por sua vez, preparavam-se para a inauguração, em 1º de maio, do Salão, fosse ou o oficial ou o dos que acabaram recusados, evento sempre cercado de disputas e expectativa pelas premiações e que ocupava a atenção de Pina. As regatas multiplicavam-se, com certames em Asnières, em Bougival e Saint-Germain (Pina, 11/06/1884, p. 1). A medida que os meses passavam, o calor aumentava, os teatros entravam em férias, os estrangeiros começavam a chegar e o *Grand Prix*, realizado no início de junho, era o sinal que o *Tout-Paris* estava prestes a deixar a cidade. Leitores assíduos do “Correio de França” acabavam por conhecer de cor essa rotina, ainda que nunca tivessem saído do Rio de Janeiro.

Conclusão

Ao longo das últimas décadas do Oitocentos, a presença de escritores portugueses em jornais do Rio de Janeiro foi marcante. Atuando como colaboradores fixos ou eventuais, eram fonte de legitimação para os periódicos, mas também eram por eles legitimados, uma vez que não se pode perder de vista a importância do mercado consumidor brasileiro para editores e autores do outro lado do Atlântico. As novas formas de difusão da notícia, com especial destaque para o telégrafo, estiveram longe de dispensar as correspondências, que sempre viajaram pelos oceanos. Mariano Pina, graças à densa rede de brasileiros e portugueses que

30 Acerca dessa outra Paris, que não se constitui no tema central do texto, ver: (Pina, 30/12/1883, p. 2 e 30/01/1883, p. 1-2).

se constituiu em torno da *Gazeta de Notícias*, muito jovem foi alçado à condição de representante do jornal em Paris, função que exerceu por quase quatro anos.

A opção de mobilizar portugueses e não brasileiros para ocupar esses postos, caso de Ramalho em Lisboa, Eça na Inglaterra e Pina na França, pode ser subordinada à boa lógica econômica, mas também pode ser interpretada como uma admissão, ainda que indireta, da preferência pelo escritor estrangeiro, quiçá tido como melhor talhado para a tarefa.

Parte essencial do trabalho de Pina era dar conta da política, campo que estava longe de ser o seu favorito. A vida mundana de Paris, os lugares da moda, os espaços de sociabilidade, os eventos que marcavam as diferentes estações do ano, assim como os literatos, atores, pintores, escultores, cantores, cronistas povoavam seus textos, que davam conta dos lançamentos editoriais, dos espetáculos em cartaz, das exposições nos seus mais variados gêneros. Era a cidade, tal como desenhada por Georges-Eugène Haussmann (1809-1891) e habitada pela fina flor da burguesia, que ele apresentava aos leitores brasileiros. As observações de Pina contribuíam para alimentar a fascinação em relação à França, aos franceses e sua capital, fascinação que se constituiu numa das marcas duradouras da elite brasileira por décadas a fio. Se é certo que não lhe era possível deixar de ter Portugal como horizonte, não é menos verdade que era a cultura francesa, perscrutada em pormenores, que sobressaía em seus textos. Igualmente marcante era sua aversão pelo movimento operário e por alterações no espaço tradicionalmente reservado às mulheres.

No que respeita ao processo de escritura, a rígida divisão entre notícia e produções mais literárias, inicialmente imaginada pelos proprietários da *Gazeta*, acabou por não se efetivar, pois Pina nunca seguiu à risca o que lhe foi solicitado. Por certo, o arranjo acabou por satisfazer ambos os lados, tendo em vista sua permanência na função. A análise de seus textos indica significativo grau de liberdade no que respeita à forma, pois há correspondências que transmitiam informações, ao lado de outras que se aproximavam da reportagem e, ainda, o que se poderia denominar, a despeito da ambiguidade do termo, de crônicas, algumas com significativa preocupação formativa e/ou judicativa. O exemplo de Mariano Pina indica o grau de complexidade que envolvia a produção dos jornais, suas múltiplas temporalidades, mas também o lugar estratégico do correspondente, que ainda desfrutava de considerável grau de liberdade no exercício da função.

Fontes de investigação

A. Jornais e revistas, organizados por ordem alfabética de autoria

- "A Guilherme de Azevedo". *O António Maria* (09/09/1880), 67. Consultado em 15 de abril de 2020. <https://rb.gy/whwyeb>
- "Correio de França". *Gazeta de Notícias* (03/04/1882), 8 (92), p. 1. Consultada a 15 de abril de 2020. <https://rb.gy/n66cgm>
- "Correio de França". *Gazeta de Notícias* (30/04/1882), 8 (118), p. 2. Consultada em 15 de abril de 2020. <https://rb.gy/yqya9g>
- Gazeta de Notícias* (24/07/1880), 7 (204), p. 1. Consultada a 15 de abril de 2020. <https://rb.gy/x4u17v>
- Gazeta de Notícias* (03/01/1882), 8 (3), p. 1. Consultada a 15 de abril de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00003.pdf
- Gazeta de Notícias*. Consultado ao longo dos meses de abril e maio de 2020. <https://rb.gy/sutfzh>
- Gazeta de Notícias* (10/06/1886), 12 (161), p. 1. Consultada a 5 de maio de 2020. <https://rb.gy/qg4kou>
- "Guilherme de Azevedo". *Gazeta de Notícias* (28/09/1880), 6 (265), p. 1. Consultada a 15 de abril de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1880_00265.pdf
- "Guilherme de Azevedo". *Gazeta de Notícias* (29/04/1882), 8 (117), p. 1. Consultada em 15 de abril de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00117.pdf
- "Guilherme de Azevedo". *Jornal do Comércio* (29/04/1882), 61 (118), p. 2. Consultada em 15 de abril de 2020. <http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=364568>
- L. de A. (03/05/1882). "Guilherme de Azevedo". *Gazeta de Notícias*, 8 (121), p. 1. Consultada em 15 de abril de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00121.pdf
- "Mariano Pina". *Gazeta de Notícias* (02/04/1899), 25 (92), p. 1. Consultada em 15 de abril de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1899_00092.pdf
- O António Maria* (16/04/1882), 150. Consultada em 15 de abril de 2020. http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/OAntonioMaria/1882/1882_master/OAntonioMariaN136N187.pdf
- "O comitê da Exposição Portuguesa em Paris". *Diário Ilustrado* (01/09/1889), p. 1. Consultada em 15 de abril de 2020. <http://purl.pt/14328>
- Pina, M. (31/07/1882). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 8 (211), p. 1-2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00211.pdf
- Pina, M. (14/08/1882). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 8 (225), p. 1. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00225.pdf
- Pina, M. (25/08/1882). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 8 (236), p. 2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00236.pdf
- Pina, M. (12/09/1882). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 8 (254), p. 2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00254.pdf
- Pina, M. (26/09/1882). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 8 (268), p. 2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00268.pdf
- Pina, M. (27/10/1882). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 8 (299), p. 2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00299.pdf
- Pina, M. (26/12/1882). "Vida Parisiense". *Gazeta de Notícias*, 8 (359), p. 1. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1882_00359.pdf
- Pina, M. (28/01/1883). "Morte de Gambetta". *Gazeta de Notícias*, 9 (28), p. 1-2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00028.pdf
- Pina, M. (30/01/1883). "Vida Parisiense". *Gazeta de Notícias*, 9 (30), p. 1-2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00030.pdf
- Pina, M. (10/03/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (69), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00069.pdf
- Pina, M. (13/03/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (72), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00072.pdf
- Pina, M. (20/03/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (79), p. 1-2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00079.pdf
- Pina, M. (24/03/1883). PINA, M. (12/04/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (83), p. 1. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00083.pdf
- Pina, M. (12/04/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (102), p. 1. Consultado em 5 de maio de 2020. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00102.pdf
- Pina, M. (15/04/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (105), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00105.pdf
- Pina, M. (07/05/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (127), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00127.pdf
- Pina, M. (11/05/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (131), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00131.pdf
- Pina, M. (25/05/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (145), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00145.pdf
- Pina, M. (10/06/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (161), p. 2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00161.pdf
- Pina, M. (03/07/1883). "Correio de França". *Gazeta de Notícias*, 9 (184), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00184.pdf

- Pina, M (16/07/1883). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 9 (197), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00197.pdf
- Pina, M. (28/10/1883). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 9 (301), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00301.pdf.
- Pina, M. (02/11/1883). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 9 (306), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00306.pdf.
- Pina, M. (05/12/1883). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 9 (339), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00339.pdf.
- Pina, M. (30/12/1883). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 9 (364), p. 2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00364.pdf.
- Pina, M. (15/02/1884). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 10 (46), p. 2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1884_00046.pdf.
- Pina, M. (27/02/1884). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 10 (84), p. 1-2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1884_00084.pdf.
- Pina, M. (04/05/1884). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 10 (126), p. 1. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1884_00126.pdf.
- Pina, M. (13/05/1884). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 10 (134), p. 1. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1884_00134.pdf.
- Pina, M. (11/06/1884). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 10 (163), p. 1. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00163.pdf.
- Pina, M. (18/06/1884). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 10 (170), p. 2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1884_A00170.pdf.
- Pina, M. (19/07/1884). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 10 (201), p. 1. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1884_00201.pdf.
- Pina, M. (19/11/1884). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 10 (324), p. 1-2. Consultado em 5 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1884_00324.pdf.
- Pina, M. (06/02/1885). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 11 (3), p. 1. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1885_00037.pdf.
- Pina, M. (04/04/1885). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 11 (94), p. 1-2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1885_00094.pdf.
- Pina, M. (05/06/1885). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 11 (156), p. 1-2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1885_00156.pdf
- Pina, M. (25/06/1885). “Os funerais de Victor Hugo”. *Gazeta de Notícias*, 11 (176), p. 1-2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1885_00176.pdf.
- Pina, M. (26/10/1885). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 11 (299), p. 1-2. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1885_00299.pdf
- Pina, M. (29/11/1885). “Correio de França”. *Gazeta de Notícias*, 11 (332), p. 1. Consultado em 10 de maio de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1885_00332.pdf
- Pina, M. (20/09/1889). “Ao meu biógrafo”. *A Ilustração*, 6 (18), p. 274.
- “Prospecto”. *Gazeta de Notícias* (sem data [1875]). Consultada a 15 de abril de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1875_00001.pdf
- “Telegramas”. *Gazeta de Notícias* (02/01/1883), 9 (2), p. 1. Consultada em 18 de abril de 2020. http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1883_00002.pdf

B. Manuscritos, organizados cronologicamente

- Carta de Mariano Pina enviada a Rafael Bordalo Pinheiro (Paris, 20[06/1882]). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio A/5866.
- Carta de Eça de Queirós a Mariano Pina (Londres, 04/07/1882). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/130.
- Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina (Rio de Janeiro, 01/08/1882). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/165.
- Carta de Ferreira de Araújo a Mariano Pina (Londres, 07/08/1882). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/4.
- Carta de Ferreira de Araújo a Mariano Pina (Anvers, 25/08/1882). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/4.
- Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina (Rio de Janeiro, 12/09/1882). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/165.
- Carta de Henrique Chaves a Mariano Pina (Rio de Janeiro, 23/09/1882). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/35.
- Carta de Carlos de Moura Cabral a Mariano Pina (Lisboa, 27/10/1882). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/59.
- Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina (Sem indicação de data e local [1884]). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/165.
- Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina (Lisboa, 02/03/1884). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/165.
- Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina (Lisboa, 02/05/1884). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/165.
- Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina (Lisboa, 02/07/1884). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/165.
- Carta de Elísio Mendes a Mariano Pina (Lisboa, 23/03/1886). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/165.
- Carta de Ramalho Ortigão a Mariano Pina (Lisboa, 31/03/[1886]). Biblioteca Nacional de Portugal, Espólio N17/69.

C. Referências bibliográficas

- Batalha, C. H. M. (2009). Um socialista francês diante na escravidão no Brasil: Louis-Xavier de Richard e o jornal *Le Sud-Américain*. In L. Vidal, & T. R. De Luca, (orgs.). *Franceses no Brasil. Séculos XIX-XX* (pp. 160-173). Unesp.
- Bourdieu, P. (1996). *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. Companhia das Letras.
- Caimari, L. (2015). El mundo al instante. Noticias y temporalidades en la era del cable submarino (1860-1900). *Redes*, 21 (40), 125-146. <https://rb.gy/nex3ev>
- Caimari, L. (2016). News from around the world: the newspapers of Buenos Aires in the age of the submarine cable, 1866-1900. *Hispanic American Historical Review*, 96 (4), 607-640. <https://rb.gy/m23b5q>
- Campaignolle, H. (2010). Le livre à l'ombre du journal: deux représentations de la littérature à la fin du 19^e siècle. *Sens Public. Revue électronique internationale*, 5, 1-17. <https://rb.gy/zf7oub>
- Carneiro, J. P. J. A. (2013). *O último propagandista do Império O barão de Santa-Anna Nery (1848-1901) e a divulgação do Brasil na Europa*. [Tese de doutoramento, Universidade de São Paulo. <https://rb.gy/e18l54>
- Delporte, C. (1999). *Les journalistes e Franca 1880-1950. Naissance et construction d'une profession*. Seuil.
- França, J.-A. (2007). Bordalo Pinheiro no Brasil. In E. Araújo & F. R. P. I. Motta (Curadoria). *Um português e um brasileiro. Dois em um. Bordalo Pinheiro e José do Patrocínio*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Godinho, J. (2009). *As origens da reportagem*. Imprensa. Livros Horizonte.
- Kalifa, D. et al. (Ed.). (2011). *La civilisation du journal. Histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIX^e siècle*. Nouveau Monde Éditions.
- Luca, T. R. de. (2016). Correspondente no Brasil. Origens da atividade nas décadas de 1870 e 1880. *Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo*, 5 (1), 112-125. <https://rb.gy/jgxiu9>
- Luca, T. R. de (2018). *A Ilustração (1884-1892): circulação de textos e imagens entre Paris, Lisboa e Rio de Janeiro*. Fapesp.
- Mattelart, A. (2000). *A globalização da cultura*. Edusc.
- Mérian, J. Y. (2007). Rafael Bordalo e o Rio de Janeiro dos anos 1875-1880. In: E. Araújo; F. R. P. I. Motta, (Curadoria). *Um português e um brasileiro. Dois em um. Bordalo Pinheiro e José do Patrocínio*. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Miguel, A. D. (1997). Guilherme de Azevedo. Quatro cartas inéditas para Rafael Bordalo Pinheiro. *Revista Colóquio/Letras*, 143/144, 203-222. <https://rb.gy/frckqj>
- Miguel, A. D. (2000). Introdução. In G. Azevedo (Ed.), *Crônicas de Paris (1880-1882)*. Imprensa Nacional/Casa da Moeda.
- Miné, E. (1992). Mariano Pina, a *Gazeta de Notícias* e *A Ilustração*. Histórias de bastidores contadas por seu espólio. *Revista da Biblioteca Nacional*, 7 (2), 23-61.
- Miné, E. (2000). *Páginas flutuantes. Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. Ateliê Editorial.
- Miné, E. (2017). *Alguns Homens de meu tempo e outras memórias de Jaime Batalha Reis*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Molina, M. M. (2015). *História dos jornais no Brasil. Da era colonial à Regência (1500-1840)*. Vol. 1. Companhia das Letras,
- Mollier, J. Y., Sirinelli, J. F., & Valloton, F. (Eds.) (2006). *Culture de masse et culture médiatique en Europe et dans les Amériques 1860-1940*. Presses Universitaires de France.
- Nabuco, J. (1949). *Carta aos amigos*. Instituto Progresso Editorial S/A. Obras Completas, v. XIII. Anotadas e coligidas por Carolina Nabuco.
- Nascimento, J. L. do (2008). *O Primo Basílio na imprensa brasileira do século XIX*. Unesp.
- Pina, M. (1896). *Portugal e Brasil*. José Bastos.
- Queirós, E. (1983). *Correspondência*. Vol. 2. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. Silveira, Pedro da (1981). *Os últimos Luso-Brasileiros. Sobre a participação de brasileiros nos movimentos literários portugueses do Realismo à dissolução do Simbolismo*. Biblioteca Nacional.
- Thérenty, M-E & Vaillant, A. (Ed.). (2004). *Presse et plume. Journalisme et littérature au XIX^e siècle*. P.Nouveau Monde Éditions.
- Thérenty, M-E (2007). *La littérature au quotidien. Poétiques journalistiques au XIX^e siècle*. Seuil.